

PRINCISVAL FERRUCE

**OLHARES CRUZADOS: AS REPRESENTAÇÕES DA ÁFRICA
SUBSAARIANA EM *CINCO SEMANAS NUM BALÃO* (1863), DE JULES
VERNE**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2018

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

F398o Ferruce, Princisval, 1991-
2018 Olhares cruzados : as representações da África Subsaariana
em *Cinco semanas num balão* (1863), de Jules Verne / Princisval
Ferruce. – Viçosa, MG, 2018.
vi, 76 f. : il. ; 29 cm.

Orientador: Gracia Regina Gonçalves.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f. 73-76.

1. Verne, Jules, 1828-1905 - Crítica e interpretação.
 2. Pós-colonialismo. 3. África - Descobertas e explorações.
- I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Letras.
Programa de Pós-Graduação em Letras. II. Título.

CDD 22. ed. 843

PRINCISVAL FERRUCE

**OLHARES CRUZADOS: AS REPRESENTAÇÕES DA ÁFRICA SUBSAARIANA
EM CINCO SEMANAS NUM BALÃO (1863), DE JULES VERNE**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

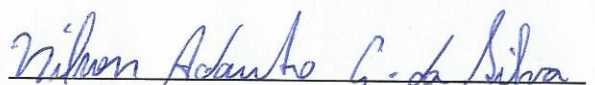
APROVADA: 28 de março de 2018.




Gerson Luiz Roani



Carlos Ferrer Plaza



Nilson Adauto Guimarães da Silva
(Coorientador)



Grácia Regina Gonçalves
(Orientadora)

Este mundo, meus amigos, é áspero de atravessar, e os destinos violentos impõem-se, por vezes, com uma lógica inexorável. Aqui estou eu, homem ordeiro, tímido, bonacheirão, que, constantemente, desde criança, me acho envolvido em carnificinas! Felizmente nunca roubei (Henry Rider Haggard - As minas do rei Salomão).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora Gracia Regina e meus coorientadores Dirceu Magri e Nilson Aauto, sempre solícitos e pacientes ao me mostrarem o melhor caminho.

Aos demais professores do PPG Letras-UFV, cujos ensinamentos, não apenas os acadêmicos, por certo não serão esquecidos.

Aos meus professores da graduação Carlile Lanzieri, Inácio Frade e Ângela Pimenta que, lá atrás, despertaram em mim o gosto pela pesquisa.

A Adriana Gonçalves, secretária da pós-graduação e pessoa de rara generosidade.

Agradeço, finalmente, a Alex Gabrir, Ana Ligya Farias, Diana Gonzaga, Diego Perez, Fernando Rodrigues, Mônica Freitas, Leonardo Menezes e Matheus Duarte, amigos recentes ou de longas datas, que em diversos momentos contribuíram para a realização deste trabalho.

SUMÁRIO

RESUMO	v
ABSTRACT	vi
INTRODUÇÃO – DESCORTINANDO HORIZONTES	1
CAPÍTULO 1 - A VOLTA POR CIMA: RELENDO HISTÓRIAS	6
CAPÍTULO 2 - A PEDAGOGIA DO EXÓTICO	12
2.1. Entre dois mundos: um saber desautorizado	12
2.2. Desviando o olhar: o autor e seu mundo	17
2.3. Sob o magnetismo dos “ismos”	23
CAPÍTULO 3 - UM OLHAR DE RAPINA	33
3.1. No coração do perigo: focalizando o Outro	33
3.2. Caminhos cruzados: a visão da fé	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	73

RESUMO

FERRUCE, Princisval, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, março de 2018. **Olhares cruzados: As representações da África Subsaariana em *Cinco semanas num balão* (1863), de Jules Verne.** Orientadora: Gracia Regina Gonçalves. Coorientadores: Dirceu Magri e Nilson Aduino Guimarães da Silva.

No ápice das explorações da África, em 1863, Jules Verne publica sua primeira viagem extraordinária, *Cinco semanas num balão*. Aproveitando-se da onda de interesse crescente do público francês pelas regiões “bárbaras”, o autor elabora um romance inovador, cujo ponto chave se encontra exatamente neste fascínio pelo desconhecido, envolto, pela então, efervescente temática da “ciência moderna”. O principal aspecto a ser aqui abordado seria a possibilidade de representação de uma África desnudada em todos os seus aspectos inconvenientes – etnográficos e geográficos –, os quais são, na maioria das vezes, perpetuados por exploradores, viajantes, naturalistas e literatos. Destarte, à luz de uma abordagem interdisciplinar, no qual os Estudos Pós-Coloniais encontram maior destaque, o presente trabalho objetiva analisar como o texto de estreia de Verne se circunscreve dentro de uma tradição europeia de representação das zonas consideradas “primitivas”, ou seja, demonstrar como representar “o diferente” redundava, sempre, na delimitação de uma clara fronteira entre “nós” e “eles”, com seu correspondente juízo de valor. Essa divisão, de natureza ideológica, estabelece, então, uma hierarquia, na qual o objeto representado se constitui como um desvio a ser identificado. Sendo assim, nota-se que, na obra em questão, a representação adquire uma função absolutamente pragmática, projetando o continente africano de maneira a, sobretudo, reivindicá-lo para as potências ditas colonialistas. Estudos tais como de Edward Said, Albert Memmi, Eric Hobsbawm dentre outros, servirão de guia a este estudo.

ABSTRACT

FERRUCE, Princisval, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, March, 2018. **Crossed eyes: Representations of Sub-Saharan Africa in *Five Weeks in a Balloon* (1863), by Jules Verne.** Adviser: Gracia Regina Gonçalves. Co-advisers: Dirceu Magri and Nilson Aauto Guimarães da Silva.

In the apex of the exploration of the 1860s Africa, Jules Verne publishes his first “extraordinary” journey, *Five Weeks on a Balloon*. Aware of the growing interest of the French public in the so-called “barbarian” regions, the author elaborates an innovative novel, whose key of interest lies exactly in such fascination with the unknown, intertwined with the appealing thematic of “modern science”. The main focus of this research is rather to reveal another Africa, devoided of all its inconvenient aspects – ethnographic and geographic ones – mostly perpetuated by explorers, travelers, naturalists and writers in general. Therefore, under the perspective of an interdisciplinary approach, in which Post-colonial Studies are projected, the present work intends to analyse Verne’s above mentioned début as a writer, showing to what extent it can be framed within the European tradition of representation of world zones considered “primitive”. Thus it intends to show to what extent the process of representing the “different” always ends up in a move of delimitation of a clear cut division between *us* and *them*. Such an ideologically-oriented division, establishes a hierarchy in which the represented object constitutes itself as a detour to be identified. By the same token, in Verne’s novel, representation acquires the pragmatic function: of projecting the African Continent with rather the purpose of claiming it to the colonialist enterprise. Studies of Albert Memmi, Edward Said, Eric Hobsbawm among others will guide this dissertation.

INTRODUÇÃO – DESCORTINANDO HORIZONTES

Vivemos num clarão – que dure tanto quanto a terra há de girar! Mas aqui havia trevas antes (Joseph Conrad – *O coração das trevas*).

Não é equivocado afirmar que a barbárie nos repele e nos atrai com intensidades similares. E ainda hoje, a massa de informações existentes sobre a África não serviu para dismantelar definitivamente no imaginário ocidental, a imagem de um continente arcaico, e de um território onde o fantástico e o indômito se manifestam de forma inerente. Portanto, durante muito tempo, sua imagem foi um misto de encantamento, mistério, e temor.

Com o correr dos séculos, pode-se notar que o interesse ocidental pela “África exótica” diminuiu na proporção em que as informações sobre o continente se tornaram abundantes. Da perspectiva da excentricidade de seu ecossistema e da cultura nativa, o “continente negro” perdeu grande parte do seu fator “novidade”.

Até recentemente, levando-se em conta os últimos dois séculos da história humana, os conhecimentos sobre as regiões ao sul do Saara, bem como as regiões distantes do litoral, eram limitados e baseados em fontes pouco precisas. Naturalmente, isso contribuiu para a lentidão do processo de desconstrução de sua imagem de local hostil.

Assim sendo, na feérica onda do incógnito, para impressionar o grande público sedento por informações sobre as plagas mais remotas, o autor oitocentista empenhado em escrever sobre a África, não necessitaria ir tão distante na licença poética. Vejamos o que nos diz o verbete “África” do *Grande dicionário universal do século XIX*, publicado na França em 1866:

Os antigos conheciam da África apenas a costa setentrional; e somente após as descobertas marítimas do século XVI os europeus começaram a conhecer esta vasta península. Até recentemente, podia-se considerar a África Central como a região misteriosa por excelência. Mas explorações corajosas realizadas nos últimos anos abriram-no em parte para nossa curiosidade (LAROUSSE, 1866, p. 125, tradução nossa)¹.

¹ Les anciens ne connaissaient de l'Afrique que la côte septentrionale; et ce n'est que depuis les découvertes maritimes du XVI^e siècle que les Européens ont commencé à connaître cette vaste péninsule. Jusqu'à ces derniers temps, on a pu considérer l'Afrique centrale comme la région mystérieuse

O documento acima, amplamente difundido, revela que no século XIX, a África é pensada ainda a partir de um dualismo, que acompanhou a mentalidade europeia até às portas da contemporaneidade. Na Antiguidade, pode-se auferir que o espaço africano banhado e próximo ao Mar Mediterrâneo era visto favoravelmente. Contudo, existe, por outro lado, um sul de difícil acesso – o Saara sempre foi um acidente geográfico problemático, mas não intransponível – no qual os nativos, de característica fenotípicas incomuns, de cor negra e alguns traços físicos acentuados, inspiravam todos os tipos de narrativas.

De todos os escritores que se propuseram a ambientar suas histórias neste continente misterioso, destacam-se autores da estirpe de Rider Haggard, Joseph Conrad. Na proposta que ora se apresenta, destacamos Jules Gabriel Verne Alotte (1828-1905), francês, natural de Nantes, movimentado centro portuário às margens do Loire, e o qual, vem a ser, de longe, o que tem desfrutado da mais expressiva popularidade. Literato cujas qualidades artísticas foram, ora questionadas, ora celebradas por seus contemporâneos, é detentor de textos frequentemente revisitados pela crítica interessada em refletir sobre seus elementos prospectivos, pedagógicos e científicos.

Dentre os autores mais lidos e traduzidos em todo mundo, Verne é igualmente o mais adaptado na história do cinema. Embora tenha adquirido fama em vida, suas histórias encontraram, principalmente a partir da sétima arte, com Georges Méliès², eficiente canal de divulgação. Sua constelação de quase uma centena de romances, novelas e peças teatrais, tem fornecido argumentos inesgotáveis para cineastas e roteiristas. *Viagem ao centro da terra* (1864), *Da terra à lua* (1865), *Vinte mil léguas submarinas* (1870), *A volta ao mundo em oitenta dias* (1873) e *A ilha misteriosa* (1874) são alguns de seus romances que estão apinhados de cenários e personagens que se arraigaram de maneira profunda na cultura ocidental.

Autor de aventuras, é considerado por parte da crítica, o pai da moderna ficção-científica, ou romance científico, como prefere Francis Lacassin (1969), dado que

par excellence. Mais des explorations courageuses faites depuis quelques années l'ont ouverte en partie à notre curiosité.

² O filme *Viagem à Lua* de 1902, baseado nos romances *Da terra à Lua* (1865) de Verne e *Os primeiros homens na Lua* (1901) de H.G Wells, foi um divisor de águas na história do cinema. Da monotonia das reproduções de imagens do cotidiano citadino, o cinema conheceu pela primeira vez uma linguagem artística. Além da apropriação dos temas vernianos, Méliès serviu-se de componentes das adaptações teatrais de seus romances (SALABERT, 1974).

raramente ousa ultrapassar as fronteiras do racionalismo e do cientificismo, fato que ocorre, ao contrário, em H.G. Wells e outros nomes da corrente novelística identificada por *Science fiction*³.

Não ocasionalmente, seus trabalhos são alocados dentro da história da literatura sob a denominação “textos de prazer”⁴, como classifica Barthes (1987). Em rigor, são mormente encarados como literatura de massa, estilisticamente pouco elaborados, voltados para o público infanto-juvenil, cuja finalidade última é oferecer aos leitores uma experiência de não rompimento com sua época.

Especificamente, nas circunstâncias em que Verne concebe sua obra, o encurtamento das distâncias, ocasionado pelo desenvolvimento da tecnologia náutica, a expansão e aperfeiçoamento das linhas férreas e a proliferação das linhas telegráficas ao redor do planeta, não apenas modificou drasticamente as paisagens metropolitanas e coloniais, mas facilitou, sobretudo, as permutas entre o ocidente e o mundo considerado primitivo. Esse contexto, possibilitou que um número crescente de escritores se pusessem na condição mediadores entre esses dois universos. Em decorrência do fluxo de textos que retratavam as colônias, o exótico se tornou parte integrante da educação cotidiana no ocidente (HOBSBAWM, 1988b).

Dito isso, Verne, talvez mais do que qualquer outro autor – francês ou em termos globais –, faz parte desse “grande esforço” de desvelamento dos espaços remotos; quase sempre, mesmo não conhecendo *in loco* as regiões que inspiraram suas histórias, poucos são os locais que seus heróis não percorreram.

No presente trabalho, pretendemos justamente, lançar uma luz sobre esta faceta menos explorada do romancista. Servindo-nos de ferramentas da crítica Pós-colonial, em destaque a partir das contribuições teóricas de Edward Said e, igualmente dos estudos de Eric Hobsbawm, Albert Memmi e Jack Goody, explicitaremos como Verne se insere, dentro de uma tradição de intelectuais que abasteceram o Ocidente, com

³ Essa expressão é ulterior. Foi cunhada na década de 1920 pelo editor luxemburguês radicado nos Estados Unidos Hugo Gernsback, para definir o tipo de histórias que seriam publicadas em seu periódico *Amazing Stories*. Esta revista publicou também textos de Verne, Allan Poe e H.G. Wells.

⁴ Dentro do pensamento barthesiano “textos de prazer” são aqueles que não rompem com a cultura. Estes, estão ligados a uma prática confortável do ato de ler, e oferecem experiências de êxtase e contentamento. No antípoda desses há os “textos de fruição”, que por sua vez, colocam em estado de perda, provocam certo desconforto e despertam o leitor para uma percepção mais realista de mundo (Cf. BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1987).

imagens de uma África pitoresca e incivilizada. Essas imagens, por consequência, demarcam discursivamente, as fronteiras fictícias entre civilização e barbárie.

Isto posto, como *corpus documental*, para a nossa análise, selecionamos o primeiro sucesso editorial de Verne *Cinco semanas num balão*, trabalho o qual veio a público originalmente sob o título *Cinq semaines en ballon - Voyage de découvertes en Afrique par trois anglais*, primeiro de uma coletânea de aventuras que tomam a África por cenário, publicado em 1863 pela editora Hetzel⁵. É mister notar que o momento de sua publicação coincide com uma confluência de interesses entre as sociedades de geografia e as elites políticas e econômicas dos países europeus, fato que culmina na penetração maciça pelo interior da África. Além do mais, os periódicos da época não ficaram indiferentes à onda exploratória e obtinham grandes vendagens, publicando os relatos dos aventureiros (SOUZA, 2009).

Beneficiando-se desta corrente favorável, nesse romance, rico em lances dramáticos e épicos, favorecidos pelo pano de fundo inédito, entremeado à narrativa aventureira, Verne fará um compêndio das mais importantes explorações da África desde finais do século XVIII, heroizando tanto a figura do aventureiro quanto a do missionário. Girando em torno de três personagens britânicos, um inglês e seu empregado, e um escocês, o grupo atravessa o continente da costa oriental à ocidental, partindo da ilha de Zanzibar, no Oceano Índico, até às margens do rio Senegal, a bordo de um balão de hidrogênio. Os principais objetivos da missão, confessadamente científicos, eram localizar as lendárias nascentes do Nilo e desvendar o até então inexplorado coração da África. As cenas que se processam no percurso revelarão muito mais a respeito desta empreitada e seus integrantes, como mostraremos.

Assim sendo, essa dissertação foi dividida em três capítulos. No primeiro, intitulado *A volta por cima: Relendo histórias*, nossa preocupação maior, se foca nos pressupostos teóricos dos Estudos Pós-coloniais. Aqui, apresentamos a noção de “representação” dentro do pensamento saidiano e sua potencialidade para engendrar identidades. Fazemos, então, um levantamento dos problemas inerentes à aplicação de categorias geográficas e o papel da Europa no processo de solidificação e perpetuação da concepção de mundo dual e sugerimos já, estratégias e ideologização.

⁵ As demais obras são *Três russos e três ingleses* (1872), *Um capitão de quinze anos* (1878), *A estrela do Sul* (1884) e *A aldeia aérea* (1901).

No capítulo segundo, *A pedagogia do exótico*, no subitem 2.1 *Entre dois mundos: um saber desautorizado*, enfatizamos, sobretudo, o lugar que Verne ocupa quando se evoca as relações entre os mundos metropolitano e colonial. Explicitaremos nesse ponto, o que vem a ser os chamados “textos triunfalistas”, categoria a qual Said encerra a obra verniana. Já no subitem 2.2, intitulado *Desviando o olhar: o autor e seu mundo*, a contextualização histórica da Europa, em especial da França de meados de 1850, nos possibilita refletir sobre como a elaboração das *Viagens Extraordinárias*, cuja feição científico-pedagógica se apresenta quase como impressão digital, foi possibilitada por uma confluência de inovações técnicas e uma nova percepção ocidental sobre o além-mar. Finalmente, em *Sob o magnetismo dos “ismos”*, subitem 2.3, discutimos duas das principais correntes de pensamento oitocentistas – o Sansimonismo e o Positivismo –, ambas de orientações progressistas, que mais exerceram influência sobre as avaliações de Verne sobre as áreas distantes. Ademais, nos aprofundamos nos conceitos de colonialismo e imperialismo.

No nosso terceiro e último capítulo *Um olhar de rapina*, na parte 3.1 *No coração do perigo: focalizando o outro*, mostramos que as representações da África Subsaariana de Verne servem no intuito, tanto de forjar uma identidade superior ao homem ocidental pela detração do indígena e seu território, quanto, no sentido de justificar o colonialismo. No geral, a narrativa oitocentista teve essa dupla função: forneceu ao colonizador um retrato idealizado de si mesmo e indicou quem eram os legítimos donos do planeta. No subitem 3.2 *Caminhos cruzados: a visão da fé*, explicitamos que a tensão entre civilização e barbárie presente em *Cinco semanas em balão* se manifesta em maior evidência na questão religiosa. Também, mostramos que a heroicização da figura do missionário que Verne leva a termo, não apenas demonstra a associação do autor à vertente pedagógica do colonialismo, como também comprova que o romancista não abdica de sua condição de homem hegemônico.

Nessa tarefa, utilizamos a edição de *Cinco semanas num balão* em língua portuguesa, publicada pela Editora Ática em 1998, com tradução de Giselle Dupin e José Maria Cançado. Já o texto original em francês, presente no rodapé, foi extraído da edição francesa de 2000, editado pela Librairie Générale Française.

CAPÍTULO 1 - A VOLTA POR CIMA: RELENDO HISTÓRIAS

Mais que um novelista da mecânica, Júlio Verne foi um novelista do homem, do homem visto do ângulo frontal, o europeu (Jean de la Varende).

A partir das considerações do antropólogo Jack Goody (2008), em seus estudos sobre o continente que, geograficamente, é referido como Eurásia, este trabalho vem questionar esta unidade tão controversa.

A inexistência de um ponto de partida natural e fixo como o marco zero de medição longitudinal, levou as principais nações do globo, a adotarem em 1884, o Meridiano de Greenwich como a linha imaginária que separa o planeta em leste e oeste. Essa escolha arbitrária, justamente uma linha que rasga verticalmente a Europa Ocidental, e, sobremaneira, a cidade de Londres, carrega um significado mais profundo; além da expressão de autoridade e influência do Império Britânico no final do século, o gesto autentica uma cosmovisão: para o europeu oitocentista, seu continente é, indubitavelmente, o coração do planeta.

Reconhecida como referência, é necessário se esclarecer que a supremacia europeia é bem mais recente do que se supõe. Embora tenha experimentado períodos de grande desenvolvimento durante a Antiguidade, no decorrer da história, esteve longe de ser mais próspera do que o mundo oriental. De zona periférica, constantemente ameaçada por uma invasão muçulmana na Idade Média, no dezenove, ela deixa de ser coadjuvante e torna-se personagem central nas cartografias do saber. Assim, após conquistar significativos avanços nas áreas da navegação e armamentos – fatos fundamentais para a conquista colonial –, sua posição de liderança econômica se consolida devido em decorrência da Revolução Industrial (GOODY, 2008).

Muito se pode, então, levantar no que tange a uma dita “identidade europeia” ao longo dos tempos. Vale dizer que a enquanto denominativo de uma região que engloba um grande número de habitantes, geograficamente unidos, mas culturalmente distintos entre si, o nome “Europa” remete-nos à dicotomia “minha terra” e “terra estrangeira”, a qual remonta aos antigos gregos. Segundo Peter Mainka (2011), são variados os processos que contribuíram para edificar a unidade europeia, o quais se correspondem a períodos compreendidos entre a Antiguidade e os Tempos Modernos.

Fato é que a diferenciação cultural surge como um resultado direto do confronto travado com as civilizações estabelecidas ao Leste.

Com efeito, é na concepção consolidada dos ditos povos bárbaros que localizamos a gênese do que viria a ser chamado de europeidade. Embora a origem da noção de “bárbaro” nos leve ao entrechoque entre gregos e persas, iniciado há mais de 7.000 anos, para os gregos, bárbaros era todo e qualquer estrangeiro.

Desde que se fez hegemônica pelas vias da força, a Europa tem escrito e controlado a história mundial, enaltecendo e enfatizando sua sólida presença nos cantos do globo. Outrossim, convém destacar que quase todas as sociedades, europeias ou não, escreveram suas próprias histórias, com características marcadamente parciais, estabelecendo pouca ou nenhuma relação com outros povos. Mas, o que diferencia essas reconstituições sempre arbitrárias do passado, das realizadas pelas sociedades ocidentais, é que estas tentam impor, e conseguem, a sua versão dos fatos.

É precisamente a deficiência da ciência histórica ao lidar com a questão da alteridade, que impulsiona as críticas de Goody (2008) em seu trabalho *O roubo da história: como os europeus se apropriaram das ideias e invenções do oriente*. Apologético da adoção de um modelo de história mundial, em detrimento de histórias fragmentadas, o autor insiste que a negligência com relação ao restante do mundo produz, em contrapartida, argumentos infundados sobre a próprio Ocidente, sendo, praticamente, inconcebível imaginar as coletividades, por mais afastadas que o sejam, existindo em isolamento completo.

O passado apresentado sob o prisma eurocêntrico, na concepção de Goody (2008), significou o “roubo da história” de outros grupos. A historiografia e a cultura popular incorporaram a crença de que foi o Ocidente o inventor de conceitos fulcrais como democracia, capitalismo, amor romântico e outras séries de inventos materiais, como a bússola e o papel. No entanto, muitas das descobertas ou conceitos – a lista é muito mais extensa que os exemplos citados – creditadas à Europa, faziam-se presentes nas sociedades islâmicas, africanas, hindus ou entre os povos do Extremo Oriente.

Seja como for, esta forma de encarar o passado fez confundir a história da Europa com a história mundo.

Neste diapasão, pode-se notar que, não há muitas décadas, a história da África e sua literatura vêm sendo repensadas tanto por intelectuais nativos quanto por

ocidentais, com o objetivo de apresentar ao mundo uma versão alternativa às narrativas eurocêntricas.

Embora seja remoto o interesse, foi apenas nos séculos XIX e XX que a Europa conheceu um *boom* de estudos sobre o continente. Em seus primórdios, esses estudos eram, em sua maioria, de ordem prática, e criaram condições propícias para a colonização. Para o êxito da conquista, foi imprescindível o conhecimento sobre os aborígenes, seus modos de vida, costumes, maneiras de pensar, seu *habitat* em geral. O conhecimento apurado sobre o “adversário” significou uma vantagem considerável no ato da conquista. Dentre todas as ciências modernas, a antropologia foi a que mais esteve atrelada à empreitada colonialista. Ao lançar luz sobre a cultura das populações subjugadas, esta fornecia aos dirigentes metropolitanos auxílios inestimáveis. Aliás, é com o nascimento da etnografia, que a diferença passa a ser codificada e escalas evolutivas são criadas. “O Darwinismo, o Cristianismo, o utilitarismo, o idealismo, a teoria racial, a história, a linguística e o conhecimento de intrépidos viajantes misturavam-se numa surpreendente combinação” (SAID, 2011, pp. 173-174), para caracterizar essa ciência.

Após os movimentos de independência da década de 1960, que culminaram na criação das novas nações no continente, as elites nativas locais se voltaram para o passado, no intuito de buscar legitimação para o regime político que se formava. Nesse quadro, em que o modelo de conhecimento ocidental foi contestado (SOUZA, 2009) e combatido, além da busca por um “passado próprio” e emancipado do colonizador, a literatura produzida em solo africano, deixada até então à margem, por sua presumida inferioridade, foi resgatada do limbo e, pode-se dizer, hoje goza de boa aceitação.

Uma das romancistas africanas de maior prestígio na atualidade, a nigeriana Chimamanda Adichie, em sua palestra *O perigo da história única* (2009)⁶, chama-nos a atenção para os prejuízos ocasionados pela aceitação passiva e consumo de narrativas únicas. No processo de elaboração da imagem do “outro”, ao lançar mão de imagens preexistentes, não verificadas no mundo real, inúmeras narrativas fazem perdurar visões preconceituosas. Para Adichie, essa discrepância entre narrativa e realidade, via de regra desfavorável para o representado, só é minimizada quando há uma contraposição com outras fontes, outras vozes.

⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EC-bh1YARsc>>. Acessado em 16 de agosto de 2017.

O fenômeno está especialmente presente quando o assunto é a África do dezanove, sendo predominantes as falas produzidas pelo poder hegemônico, que abafaram as vozes autóctones.

Neste contexto, sobressai a visão de Edward Said (2007), que radicaliza as falas de Goody e Chimamanda, no prefácio da edição de 2003 de *Orientalismo*, obra aceita como a pedra angular dos Estudos Pós-coloniais. Said faz abertamente, um apelo para que se combata as abstrações unificadoras, tais como Ocidente, Oriente ou Islã, pois estas identidades coletivas, segundo ele, possuem grande potencial assassino.

Enquanto vertente da crítica literária, o Pós-colonialismo se consolida, portanto, dentro das humanidades na década de 1970, e tem, como um de seus objetivos primordiais, exatamente abalar esses discursos geradores e mantenedores de antagonismos. Inaugurando uma nova maneira de investigar o texto, a crítica Pós-colonial, ao colocar em evidência as estreitas relações entre discurso e poder, vem solapando quaisquer pretensões às verdades que se insinuam como absolutas⁷.

Em *Orientalismo* (2007), Said trabalha com a ideia de que o Orientalismo, ou as representações do Oriente constituem uma tradição e um modo particular de abordar o Leste, que teve maior fôlego na Inglaterra e na França. Este, pode ser conceituado tanto como uma disciplina acadêmica, institucionalizada, como um estilo de pensamento – que serve como ponto de partida para produções de cunho artístico, filosófico e político – que dicotomiza Leste e Oeste. Este, poderia também ser igualmente interpretado como uma instituição autorizada a tratar dos assuntos orientais, descrevendo o Oriente, ensinando a respeito deste, governando-o. Nesse sentido, ele pode ser entendido como um estilo de dominação, em suma, um utensílio útil ao gerenciamento das terras longínquas. Na voz do teórico (2007, pp. 29-30):

Sem examinar o Orientalismo como um discurso, não se pode compreender a disciplina extremamente sistemática por meio da qual a cultura europeia foi capaz de manejar – e até produzir – o Oriente política, sociológica, militar, ideológica, científica e imaginativamente durante o período do pós-Iluminismo. Além disso, o Orientalismo tinha uma posição de tal força que ninguém escrevendo, pensando ou agindo sobre o Oriente poderia fazê-lo sem levar em consideração as limitações ao pensamento e à ação impostas por ele. Em suma, por causa do Orientalismo, o Oriente não era (e não é) um tema livre para o pensamento e a ação.

⁷ Outros intelectuais de renome que se vinculam a essa corrente são Aimé Césaire, Bill Ashcroft, Frantz Fanon, Gayatri Spivak, Homi Bhabha e Stuart Hall.

Após concentrar sua análise em textos literários e não literários, Said verificou como o rebaixamento gradual do Oriente foi arquitetado de maneira sistemática, estabelecendo uma relação de poder e dominação entre Leste e Oeste. O erudito argumenta que o Orientalismo é, sobretudo, uma categoria discursiva solidificadora de identidade e, mais que uma demarcação territorial concreta, é antes uma categoria cultural que aloca o estrangeiro para a esfera do exótico. No seu entender:

O Oriente não é apenas adjacente à Europa; é também o lugar das maiores, mais ricas e mais antigas colônias europeias, a fonte de suas civilizações e línguas, seu rival cultural e uma de suas imagens mais profundas e mais recorrentes do Outro. Além disso, O Oriente ajudou a definir a Europa (ou o Ocidente) com sua imagem, ideia, personalidade, experiência contrastantes. Mas nada nesse Oriente é meramente imaginativo. O Oriente é uma parte integrante da civilização e da cultura *material* europeia. O Orientalismo expressa e representa essa parte em termos culturais e mesmo ideológicos, num modo de discurso baseado em instituições, vocabulários, erudição, imagens, doutrinas, burocracias e estilos coloniais (SAID, 2007, p. 27).

Conclui-se que esse oriente padronizado é uma invenção Ocidental e pouco tem a ver com o Oriente real, de fato. O exame do texto realizado por Said, recai em sua superfície, “em sua exterioridade em relação ao que descreve” (SAID, 2007, p. 51). Assim sendo, o orientalista sempre concebe seu Oriente a partir e, para o Ocidente. As representações são resultado da posição de externalidade e alienação do autor com relação ao seu objeto. Essas, produtos sempre artificiais e que personificam sob um rótulo sociedades tão multifacetadas, são verificadas tanto em textos que se presumem “objetivos”, como em obras historiográficas ou tratados políticos, ou em escritos de caráter eminentemente artístico. De todo o modo, o que circula nos âmbitos do discurso e da cultura não é a realidade, precisamente:

Não precisa ser mais uma vez demonstrado que a própria língua é um sistema altamente organizado e codificado que emprega muitos esquemas para expressar, indicar, trocar mensagens e informações, representar, e assim por diante. Em qualquer exemplo, ao menos da língua escrita, não há nada que seja uma presença transmitida, mas antes uma presença, ou uma representação. O valor, a eficácia, a força, a aparente veracidade de uma afirmação escrita sobre o Oriente baseiam-se muito pouco no próprio Oriente, dele não podem depender instrumentalmente. Ao contrário, a afirmação escrita é uma presença para o leitor em virtude de ter excluído, deslocado, tornado supérflua qualquer coisa real como o “Oriente”. Assim, todo o Orientalista representa e se afasta do Oriente: o fato de o Orientalismo fazer sentido depende mais do Ocidente que do

Oriente, e esse sentido tem uma dívida direta com várias técnicas ocidentais de representação que tornam o Oriente visível, claro, “presente” no discurso a seu respeito. E, para obter os seus efeitos, essas representações se baseiam em instituições, tradições, convenções, códigos, consensuais de compreensão, e não num distante e amorfo Oriente (SAID, 2007, p. 52).

O Orientalismo, por conseguinte, se incumbiu da tarefa de representar o espaço oriental, tornando-se seu principal porta voz, e carimbando esta zona sob o estigma da subalternidade, indiferente aos interesses dos habitantes desse lugar.

Thomas Bonnici (2009) em *Teoria e crítica pós-colonialistas* (2009), comentando a obra saidiana, salienta que essas representações foram arquitetadas a partir de dois constructos, um positivo e outro negativo, que agiram como legitimadores da expansão europeia. O nativo é representado habitualmente como irracional, preguiçoso, cruel, primitivo etc. O europeu, no outro extremo, é civilizado e democrático.

A consideração destas construções mentais são aqui importantes no propósito de se explorar o universo verniano, como veremos. Este coloca cara a cara, africanos e europeus, negroides e caucasianos. E pode-se notar que a representação, embora contendo os genes – às vezes recessivos, às vezes dominantes – de seu criador, é sempre socialmente prescrita. Tratando-se da caracterização de povos subordinados, a representação terá como finalidade última a conservação de uma hegemonia palpável ou presente no imaginário do indivíduo.

Esse é um dado importante para pensarmos *Cinco semanas num balão*. Tratando-se da tensão existente entre o Oriente e o Ocidente, as entrelinhas e o não dito, dizem bastante. Porém, não há a necessidade de ir tão profundo, “ao dentro da terra”, nas camadas do texto de Verne para identificarmos os constructos assinalados por Said.

Com relação ao nosso objeto de estudo, a retórica orientalista que reparte virtudes e vícios, é patente. A linha que segrega “nós” e “eles” não é de maneira alguma tênue.

CAPÍTULO 2 - A PEDAGOGIA DO EXÓTICO

Tenho muitos dos teus livros para jovens, mas não tenho todos de Júlio Verne, a quem adoro, e gostaria que os enviasses para mim e para minhas crianças (George Sand em carta endereçada a Hetzel, BENÍTEZ, 1990).

2.1. Entre dois mundos: um saber desautorizado

O fascínio ao qual também sucumbiu Verne, merece uma reflexão mais detalhada. Assim como ele, muitos outros autores se veem enredados nesta trama da fetichização do que “está para lá” do horizonte. Assim soa oportuno conhecer um pouco mais do momento e dos envolvidos nessa questão.

Incessantemente associado ao progresso científico das décadas subsequentes à publicação de seus romances, as alcunhas “profeta tecnológico” e “divulgador das ciências” têm dado o tom mais significativo das considerações sobre o trabalho de Verne. Todavia, Miguel Salabert (1974), um de seus mais importantes biógrafos, em seu livro *Jules Verne: esse desconhecido*, comenta que embora Verne seja um dos literatos mais afamados, é o mais erroneamente interpretado. Para ele, não deixa de ser inquietante que uma obra de fôlego como a do romancista, seja frequentemente gessada dentro de categorias tais como “antecipação científica” ou “literatura de evasão”.

Apesar da ampla atenção que seus romances receberam, na maioria das vezes, esta se constitui, portanto, em torno de clichês reducionistas que fatalmente comprometeram o surgimento de novos enfoques de sua produção, ilusoriamente despreziosa dos pontos de vista formal e temático.

Sobre as abordagens oriundas do meio acadêmico brasileiro, muitas das vezes não exatamente de dentro dos departamentos de letras, nota-se a tendência em se interrogar o autor a partir de uma perspectiva “científico pedagógica”. A título de exemplo, podemos citar as dissertações de Júlio César Ferreira *Aproximações da obra de Jules Verne e o ensino de física* (2011) apresentada ao programa de pós-graduação em educação da UNESP/FCT e o trabalho de Berenice Cabral Coutinho, apresentado ao Instituto de Eletrotécnica e Energia da Universidade Federal de São Paulo com o título *Energia e antecipação tecnológica em Jules Verne* (1994).

O fato é que o potencial didático de seus textos, constituídos de numerosos pontos de convergência com o gênero discursivo “divulgação científica”, impele o autor em direção à distintas áreas do saber, não representando nenhum monopólio exclusivo dos estudos literários.

Contudo, se dentro da literatura, por convenção, temos Verne como um expoente máximo de compilador e divulgador dos conhecimentos produzidos pelo século que é, acertadamente, reconhecido pela antonomásia “século da ciência”, é igualmente exato que seu projeto literário, *Viagens Extraordinárias: Viagens nos mundos conhecidos e desconhecido*, seja segundo Salabert (1974), o mais amplo e o que mais refletiu a história de uma época.

Tomando por cenário, propositalmente, regiões incógnitas ou pouco conhecidas⁸, Verne as delinea como periféricas em relação a um suposto centro, a civilização ocidental. Assim, as *Viagens Extraordinárias* transpiram, ainda que não de maneira absoluta, o eurocentrismo que reforçou o antagonismo Ocidente *versus* Oriente, situando o primeiro, como proprietário vitalício do mundo.

Certamente seu faraônico projeto levado a cabo durante quase meio século não se resume a “epopeizar” as façanhas do Imperialismo. Embora seus textos ambientados no espaço colonial sejam melhor compreendidos à luz de um quadro histórico bastante específico, e no qual o autor aparentemente se filia de forma incondicional, Verne não se esquivava de criticar aspectos das políticas colonialistas, em particular, da britânica.

Exemplo desta questão é a figura do Capitão Nemo, herói indiano que se refugia no fundo dos oceanos após romper com a civilização. Nemo é protetor dos povos oprimidos, cego pelo ódio e pelo desejo de se vingar – expressão empregada por Verne – da “nação maldita”, o Império Britânico⁹.

Nas escassas linhas que dedica a Verne em *Cultura e Imperialismo*, Said (2011) pondera que na maioria de suas obras existe uma espécie de “triumfalismo narrativo”, paralelo, e em contraposição ao desencantamento e à desilusão, elementos recorrentes,

⁸ “O século XIX certamente não chegaria ao fim sem que a África revelasse os segredos que escondia havia 6.000 anos” (VERNE 1998, p. 51). Essa assertiva do narrador de *Cinco semanas num balão* poderia ser estendida. O mapa-múndi, a passos vagarosos redefinido ao longo da história, ao final do XIX, terá sido desvelado em definitivo. Pouco antes de Verne, as áreas inexploradas do planeta eram significativas: várias ilhas no Pacífico, Polo Sul, Polo Norte, Austrália e a península do Labrador, no leste canadense, são alguns exemplos (SERRES, 2007).

⁹ (Cf. VERNE, Jules. *Vinte mil léguas submarinas*. São Paulo: Penguin, 2014).

por exemplo, nos escritos de Flaubert e Zola. Escritos não necessariamente alusivos ao universo ultramarino, como *A educação sentimental* (1869) ou *Naná* (1880).

Nos romances do final do dezenove marcados por certa atmosfera ceticista – o realismo e o naturalismo literário, se propõem a descrever e avaliar a sociedade por um viés mais objetivo –, temos por vezes – há evidentemente exceções –, um herói, que diante dos obstáculos impostos pela vida, como barreiras à ascensão social, acaba por se resignar, aceitando, mas não sem algum protesto, as migalhas que lhe são ofertadas. O protagonista poderia conhecer uma involução social plena, ou a impossibilidade de galgar patamares superiores, perspectiva essa, especulada pela oratória burguesa. Mas, seja qual for a trajetória desse modelo de herói ou heroína, o que sobra são apenas os estilhaços do sonho, o desengano.

Para Said, os textos de Verne se localizam em uma outra extremidade menos sombria. Seus heróis estão menos familiarizados com a derrota. Como uma alternativa às obras com pendores realistas – estas não pressupõem o afastamento da ideologia colonialista, estando igualmente contaminadas –, os textos triunfalistas, dos quais os vernianos não são os únicos exemplares, “baseados no ânimo e interesse pela aventura no mundo colonial, longe de lançar dúvidas quanto à iniciativa imperial, servem para confirmar e celebrar seus êxitos. Os exploradores encontram o que estavam procurando, os aventureiros voltam para casa sãos e salvos, e mais ricos [...]” (2011, p. 298).

Seguindo essa lógica, poder-se-ia concluir que seus romances se constituem como expressões de uma tendência de pensamento mais geral, que considera legítimo o empreendimento colonialista e que assume serem os territórios colonizados ou a colonizar, palco de desafio e de aventura, para proveito próprio. Como nos sinaliza Albert Memmi em *O retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador* (2007), a colônia é local onde os ganhos econômicos são fáceis e garantidos. Irrealista é crer, que o número expressivo de indivíduos, de várias nacionalidades, que irromperam em direção às jazidas auríferas e diamantíferas da África do Sul, nas décadas de 1860 e 1880, foram movidos por objetivos exclusivamente recreativos, didáticos ou culturais¹⁰.

¹⁰ O tema da cobiça pelo diamante está também presente nas *Viagens Extraordinárias*. (Cf. VERNE, Jules. *A estrela do sul*. Rio de Janeiro: Matos Peixoto, 1965).

Salabert (1974), em outra ocasião, a respeito de uma faceta característica de Verne, a verve ufanista, tece comentários sobre o otimismo presente na literatura verniana, identificando duas fases nas *Viagens Extraordinárias*. Na primeira, de 1863 a 1875, seria predominante uma certa expectativa romântica, ingênua com relação ao porvir. Na segunda, de 1875 a 1905, seu pessimismo se torna evidente. Difícil é não se associar esse momento ao realismo e ao naturalismo em voga principalmente no que diz respeito ao futuro da humanidade, colocado em xeque pela utilização irrefletida do conhecimento científico. Movidos inicialmente pelo ideal de transformação do planeta, que se propunha de interesse geral, os heróis de Verne perdem, gradualmente, parte de seu ímpeto expansionista e adotam uma postura, se não explicitamente anticolonialista, pelo menos mais lúcida com relação às reais motivações e desdobramentos do colonialismo.

Tomemos como ilustração, fragmentos de dois de seus textos africanos, escritos em um intervalo de quase quarenta anos. No anúncio da expedição a ser realizada sob o céu africano em *Cinco semanas num balão*, no primeiro capítulo, o presidente da Real Sociedade Geográfica de Londres assim se expressa:

A Inglaterra sempre marchou à frente das nações (pois, como se sabe, algumas nações estão fadadas a marchar adiante das outras), em virtude da intrepidez do seus viajantes e exploradores, que se têm lançado na busca de novas descobertas geográficas. (*Inúmeros sinais de concordância*). O dr. Fergusson, um dos mais gloriosos filhos desta nação, não desmerecerá a sua origem. (*De todos os lados: Não! Não!*). Se esta tentativa for bem-sucedida (*ela será!*), reunirá, de forma a completá-los, os conhecimentos esparsos que hoje temos da cartografia africana (*veemente aprovação*) e, se ela fracassar (*Nunca! Nunca!*), ficará pelo menos como um dos mais audaciosos empreendimentos já concebidos pelo gênio humano! (*Aplausos frenéticos*) (VERNE, 1998, p. 9)¹¹.

Este “triumfalismo” mencionado por Said (2011), ligado ao território africano, ver-se-á adiante, em certo sentido, esvaziado em *A aldeia aérea*, obra publicada em 1901. O romance que, de início, apresenta um diálogo entre seus protagonistas, Max

¹¹ L'Angleterre a toujours marché à la tête des nations (car, on l'a remarqué, les nations marchent universellement à la tête les unes des autres), par l'intrepidité de ses voyageurs dans la voie des découvertes géographiques. (*Assentiments nombreux.*) Le docteur Samuel Fergusson, l'un de ses glorieux enfants, ne faillira pas à son origine. (*De toutes partes: Non! Non!*) Cette tentative, si elle réussit (*Elle réussira!*), reliera, en les complétant, les notions éparses de la cartologie africaine (*véhémente approbation*), et si elle échoue (*jamais! jamais!*), elle restera du moins comme l'une des plus audacieuses conceptions du génie humain! (*Trepignementes frénétiques.*)

Huber e John Cort, um francês e um americano, respectivamente, já deixa entrever tal perspectiva:

— E o Congo Americano? – perguntou Max Huber. Não se cogita ainda de organizá-lo?

— Para quê, caro Max? – respondeu João Cort. Não nos faltam amplos espaços nos Estados Unidos... Temos imensas regiões novas e desertas a visitar entre o Alasca e o Texas!... Em vez de colonizar outras regiões é melhor colonizar nosso próprio território.

— Não tenho dúvida, caro João. Se essa ideia persistir, as nações europeias acabarão por repartir entre si toda a África, ou seja, aproximadamente uma superfície de três bilhões de hectares!... Os americanos abandoná-los-ão em sua totalidade aos ingleses, alemães, holandeses, portugueses, franceses, italianos, espanhóis e belgas!

— Não têm outra coisa a fazer, como também os russos, pela mesma razão – replicou João Cort.

— E por quê?

Porque é inútil fatigar as pernas quando basta estender os braços... [...] (VERNE, 1966, p. 9)¹².

Um dos motivos que elucidam a descrença que Verne assume frente ao colonialismo é, sem dúvida, a tensa disputa que se estabeleceu e se intensificou entre as potências industriais por um pedaço do bolo africano nas décadas finais do século XIX. O mundo colonial, local de descobertas e possibilidades quase infinitas, se transforma aos poucos, em espaço de luta entre as nações europeias. A curiosidade científica, dá, aos poucos, lugar à especulação industrial, ao comércio, ao plantio e à extração mineral¹³.

¹² «Et le Congo américain, demanda Max Huber, il n'en est donc pas encore question?...

— À quoi bon, mon cher Max?... répondit John Cort. Est-ce que les vastes espaces nous manquent aux États-Unis?... Que de régions neuves et désertes à visiter entre l'Alaska et le Texas!... Avant d'aller coloniser au dehors, mieux vaut coloniser au dedans, je pense...

— Eh! mon cher John, les nations européennes finiront par s'être partagé l'Afrique, si les choses continuent – soit une superficie d'environ trois milliards d'hectares!... Les Américains les abandonneront-ils en totalité aux Anglais, aux Allemands, aux Hollandais, aux Portugais, aux Français, aux Italiens, aux Espagnols, aux Belges?...

— Les Américains n'en ont que faire – pas plus que les Russes, répliqua John Cort, et pour la même raison...

— Laquelle?

— C'est qu'il est inutile de se fatiguer les jambes, lorsqu'il suffit d'étendre le bras... [...].»

¹³ O pessimismo do romancista nos últimos romances extrapola a questão colonialista. Lacassin (1969) chama-nos a atenção para o fato de que, comparado com Albert Robida (1848-1926), prestigiado ilustrador e novelista do período que se ocupou com os temas tecnológicos e futurísticos, as expectativas com relação ao futuro, para Verne, eram esperançosas. O crítico argumenta que ao contrário de Robida, cujas criações tecnológicas causavam certa aversão ao público, apontando para um amanhã catastrófico, Verne antevê uma ciência triunfante. O resultado desta comparação entre ambos os escritores parece-nos justa, até certo ponto. Todavia, considerando o conjunto das obras finais de Verne, há, nitidamente, um esvaziamento da concepção romântica que marca seus primeiros trabalhos. Entendemos ser mais adequada a opinião de Serres (2007), que identifica nas fases intermediária e final das *Viagens*

Disto isso, mesmo que as apreciações de Verne sobre relações entre metrópole e colônia, e acerca da função da ciência de sua época e nos anos futuros, sejam por vezes ambíguas, e não constituam um todo coerente, de fácil sistematização, uma coisa é precisa: Verne não abdica de seu brio de homem civilizado nos textos que possuem as colônias por tema. Isto é, ainda que esboçando uma postura relativista, aceitando a máxima “a moral é questão de latitude”, não hesita em sublinhar qual sociedade presenteou o mundo com as vantagens da civilização. E em valorizar sua própria estirpe.

2.2. Desviando o olhar: o autor e seu mundo

Analisando o perfil do autor, consta que Jules Verne é primogênito de uma família tradicional católica. Seu pai, Pierre Verne, procurador em Nantes, desejava que o filho seguisse o caminho da advocacia e o substituísse nos negócios da família. Após realizar seus estudos no Petit Séminaire e no Liceu Royal, seguiu para Paris com o propósito de estudar leis. Contrariado por não ter obtido autorização para exercer o ofício de marinheiro, na capital, mesmo contra a vontade paterna, dá vazão às suas aptidões literárias.

É no fértil terreno artístico da Paris da primeira metade do século XIX, compartilhando a efervescente atmosfera cultural do momento, com autores que se tornariam no futuro próximo, canônicos para a crítica ocidental, que Verne amadurece como autor e concebe suas primeiras operetas e comédias. No teatro recém-inaugurado de Alexandre Dumas, filho, seu grande incentivador e um dos primeiros grandes escritores a perceber o seu talento, que sua primeira peça é montada em 1850¹⁴.

Desta data até o sucesso, trabalha durante certo período como secretário do Teatro Lírico e publica contos no periódico *Museu das famílias*. Nesta revista, publica o conto intitulado *Uma viagem de balão*, história baseada nos feitos do famoso fotógrafo, jornalista e aventureiro da época, Félix Nadar (1820-1910), pseudônimo de

Extraordinárias, uma orientação mais crítica à ciência. Esse tema, é por vezes abordado a partir do cientista insano, que tenta se servir de meios de destruição em massa.

¹⁴ SANTOS (2016) contabiliza um total de 31 peças escritas por Verne no período pré *Viagens Extraordinárias*. Mas, dentre essas, apenas 5 foram montadas, e 3 obtiveram algum sucesso.

Gaspard-Félix Tournachon, que viria a inspirar a composição de *Cinco semanas num balão*.

Para conservar o hábito, novamente contra as expectativas da família, casa-se em 1859 como uma viúva da alta sociedade de Amiens, cidade situada ao norte da França, onde posteriormente se estabeleceria até a ocasião de sua morte. Nesse tempo, consegue emprego em uma casa de câmbio. Apesar de pouco rentável e de certa forma incerto, este trabalho lhe possibilitou continuar exercendo a escrita nos seus momentos livres (MORÉ, 1969).

Por essa altura, nas lacunas referentes a questões científicas encontradas nas *Histórias Extraordinárias* de Edgar Allan Poe, escritor introduzido na França por intermédio de Baudelaire, Verne vislumbra a possibilidade de escrever uma obra audaciosa para a época, mesclando enredos misteriosos, ao estilo de Poe, com dados científicos.

O ano de 1862 foi decisivo em sua vida literária. Após dois anos em busca de um editor, tendo sido o trabalho recusado por nada menos que quinze editores, entrega o manuscrito de sua primeira viagem extraordinária, *Cinco semanas num balão*, a Pierre-Jules Hetzel (1814-1886), nome conhecido e influente no meio editorial parisiense, que já havia trabalhado com Balzac, Sande Stendhal. Hetzel viria a se tornar, além de parceiro editorial, um grande amigo de Verne.

Após realizar algumas modificações no romance a pedido do editor, o texto é publicado e obtém, de imediato, total êxito. Sucesso de vendas, o romance, muito embora não deixasse de representar um risco editorial, tendo em vista a temática nada usual abordada, teve sucessivas edições rapidamente esgotadas, o que rendeu a Verne um contrato no qual se comprometia a fornecer todo ano, ao editor, material suficiente para três volumes, que seriam publicados quinzenalmente na *Revista de educação e recreação*¹⁵.

A partir desse momento, após inúmeros percalços e frustrações em sua carreira literária, com quase 40 anos de idade e após ter adquirido considerável conhecimento

¹⁵ No momento do apogeu dos folhetins, em que um modelo de literatura era produzido escala industrial, o contrato assinado por Verne previa a entrega de 3 volumes ao ano, modificado para dois volumes a partir de 1871.

enciclopédico por meio de seus estudos como autodidata, o romancista obteve sua desejada estabilidade nas letras¹⁶.

Pode-se considerar que as *Viagens Extraordinárias*, narrativas nas quais Verne canalizou quase toda a sua energia criativa, publicadas em sua grande maioria na *Revista de Educação e Recreação* antes de saírem em formato de livro, são o resultado de uma fusão de dois projetos distintos mas perfeitamente conciliáveis: um literário e um pedagógico-editorial. De um lado, há o desejo de Verne de produzir a literatura da ciência e, de outro, o de Hetzel, de criar um periódico especializado para o público jovem. Uma revista educativa, antes de tudo, mas que servisse, de igual modo, de entretenimento para as gerações mais novas, e por que não, para públicos mais heterogêneos. Marc Soriano (1969, p. 106) tece alguns comentários acerca desse público:

Em 1863, sob influência de Hetzel, que sonha com criar a Revista de Educação, Verne se orienta para um público de *jovens*; de fato, a clientela da célebre revista de Hetzel – e a que compra as *Viagens extraordinárias* em sua encadernação dourada – é uma clientela de adolescentes burgueses que fazem o curso de “humanidades” e que estão por exemplo interessados e se sentem atingidos pela série de artigos de Laurie sobre a vida dos colegiais em diversos países. Todavia, repetidas vezes, Verne se lembra de que seu público é mais amplo. Assim, publica “A volta ao mundo” em *Le Temps*, na forma de folhetim – e diversas vezes tirou desse romance peças espetaculares para o teatro – e que se dirigem a um público amplamente popular.

Analisar as *Viagens Extraordinárias* sem dar a devida atenção à relação instituída entre Verne e os propósitos editoriais de Hetzel, implica negligenciar toda uma importante postura ideológica, que viria, necessariamente, agregada aos textos.

Não coincidentemente, por questões contratuais, o romancista esteve ligado até o final de sua vida ao compromisso de produzir uma literatura instrutiva, que contemplasse os mais diversos assuntos, embora houvesse uma forte predileção, por

¹⁶ Para se ter uma melhor ideia do sucesso do trabalho de estreia de Verne, falemos em números. Entre 1863 e 1904, as edições não ilustradas do romance, tiveram 76.000 tiragens. Isso representa, por comparação, quase dois terços da quantidade de *A volta ao mundo em oitenta dias*, a viagem extraordinária mais consumida, que, no mesmo período, conheceu uma tiragem de 108.000 exemplares (MARTIN apud BENÍTEZ, 1990).

assuntos da Geografia¹⁷. O território é, sem dúvida, profícuo para julgamentos com juízos de valor.

Embutido nesse gênero inovador, encontram-se inúmeros elementos dignos de comentário. Suas aventuras são repletas de episódios, nas quais seus heróis passam por inúmeras provações. Os obstáculos que se apresentam são vencidos graças à inventividade e persistência dos protagonistas. Coragem, abnegação, e raciocínio lógico e científico, empurram-nos para o desfecho merecido. Os finais felizes, não são, portanto, apenas imposições do gênero aventura.

Uma trama assim propicia indicações explícitas de condutas a serem seguidas ou repelidas. Aliás, segundo Welleck e Warren (1999), todo artista, isso vale ainda mais para o escritor, é um propagandista em potencial. Em Verne esse axioma ganha dimensões ainda mais evidentes.

É ainda útil destacar que a adoção dessa fórmula fez de Verne um orientalista único. Bonnici (2009), evocando a teoria do discurso foucaultiana, nos lembra que é o sistema educacional que padroniza as definições de racional e acadêmico. Ora, assumindo-se como educador – leia-se educação em sentido *latu*, nos moldes patriarcais – da juventude francesa, e em curto período de tempo, de um público bem mais amplo, Verne propaga também, paralelamente, um certo racismo, não panfletário, mas aquele sub-reptício, de fonte ideológica, fabricado ou autenticado pela ciência. Sendo suas principais fontes os textos de divulgação, não haveria de ficar imune, por exemplo, às difundidas teorias de Johann Lavater (1741-1821), Arthur de Gobineau (1816-1882) e outros intelectuais de prestígio à época¹⁸.

O estudioso da poética verniana, Pierre Versins (1969) em seu trabalho *A sensação do artificial*, resgata uma advertência de Hetzel que sintetiza as *Viagens Extraordinárias*, contida no primeiro volume da coleção ilustrada publicado em 1867:

¹⁷ A obrigação de elaborar uma literatura acessível do ponto de vista da linguagem, ajuda a esclarecer a pouca complexidade estética que permeia muitas de suas histórias. Outro fator, talvez mais determinante, é a dura rotina de trabalho na qual Verne era submetido. Para cumprir rigorosamente seus prazos, se via obrigado, muitas das vezes, a escrever mais de um romance simultaneamente. O direcionamento de sua literatura para o público jovem ajuda a elucidar, de igual maneira, sua pouca relutância em modificar trechos de seus trabalhos a pedido de seu editor, visando um “bem geral” (SORIANO, 1969).

¹⁸ Edmar Guirra dos Santos em sua dissertação *Retratos literários: o discurso científico na obra de Jules Verne* (2010) faz um interessante estudo sobre as aproximações entre a literatura verniana e as teorias propostas por Joseph Gall, Charles Darwin, Lavater e Gobineau.

As novas obras do sr. Verne virão juntar-se sucessivamente a esta edição, que teremos o cuidado de manter sempre em dia. As obras publicadas e a publicar compreenderão assim em seu conjunto o plano que se propôs seu autor quando deu para sub-título de sua obra *Viagens nos mundos conhecidos e desconhecidos*. Seu objetivo é, efetivamente, resumir todos os conhecimentos geográficos, geológicos, físicos, astronômicos, recolhidos pela ciência moderna, e refazer, sob a forma atraente e pitoresca que lhe é própria a história do universo (HETZEL apud VERSINS, 1969, p. 68).

Contemporâneo a nomes das escolas romântica e realista, mas, ao contrário desses, empenhado, em grau maior ou menor, com as estéticas em voga e a sociedade francesa, Verne, desviou o olhar para regiões que removeram o leitor do universo que lhe era familiar. Ainda em seu manifesto, Hetzel sugere que em sua época a arte pela arte já não bastava para um público ávido por informações científicas. Esse público frequentava de forma crescente as conferências e exigia, ao lado das críticas de arte e de teatro nos jornais, os relatórios da Academia de Ciências (VERSINS, 1969).

Em seu trabalho *Leituras da infância* (1969), Michel Butor complementa a questão ao observar que a sociedade francesa a partir do século XVIII passou a entender que a literatura produzida para a juventude era uma literatura de lacunas, que ocultava ou apresentava de maneira ineficiente os aspectos do universo adulto. Desta maneira, um modelo de literatura se constitui como complementar à educação escolar. Além dos contos de Perrault, as narrativas de *As mil e uma noites*, *As viagens de Gulliver* e *Robinson Crusoe* são também “viagens extraordinárias”, sendo alguns dos heróis, assim como em Verne, crianças. Tais obras não foram de maneira alguma pensadas para o público infanto-juvenil, mas preencheram os vazios deixados pela educação formal.

Assim, o plano de Verne de catalogar sob um arcabouço romanesco as informações sobre os mundos distantes e desconhecidos, momentaneamente satisfaz a necessidade de apresentar aos jovens – e a seus pais – um mundo para além das fronteiras habituais.

O prestígio e a autoridade que suas narrativas encerravam são notáveis. Salabert (1974) descreve em sua biografia um fato que, embora um tanto cômico, ilustra com justeza essa credibilidade. Suas histórias, não vendidas como autênticas, eram, não raras vezes, também compradas. À época das publicações de *Da terra à lua* e *A volta ao mundo em oitenta dias*, grande foi o número de leitores que conjecturaram a

veracidade do projeto de exploração do satélite da terra, idealizado pelos norte-americanos, e a jornada ao redor do globo, realizada por um rico e excêntrico inglês. No caso do segundo texto, a aposta que impulsiona a viagem de Phileas Fogg – o sistemático britânico –, teve reflexos na França, ocasionando uma onda de apostas entre os leitores do *Le Temps*, periódico no qual o texto veio a público.

O fato acima, se interpretado à luz do contexto de vulgarização massiva do aperfeiçoamento tecnológico, mostrar-se-á sintomático. A concretização do “extraordinário” verniano era completamente crível, pois os homens da ciência, a cada dia, rompiam as barreiras do impossível, inculcando nas massas que tinham algum acesso às novidades técnicas, um sentimento de certeza na superação do que se acreditava há alguns anos como fabulação. Em *A Era do Capital: 1848-1875* (1988a) Hobsbawm afirma que em 1872, às vésperas da publicação de *A volta ao mundo em 80 dias*, os avanços náuticos e, principalmente, a explosão ferroviária que o mundo conheceu, já possibilitavam uma viagem ao redor do planeta no tempo pressuposto por Verne. Vinte anos antes, uma empreitada desse gênero levaria, contando com uma grande dose de otimismo, cerca de 11 meses.

A divulgação do crescente aperfeiçoamento científico estimulou o homem, portanto, a enxergar o mundo a partir de um novo prisma. É verdade que a concepção romântica ainda era dona de algum prestígio – e que Verne, vez ou outra, traz elementos dessa estética para seus escritos – mas esta, com o passar do tempo já não constituía o principal atrativo. Em resumo, todas as condições para o surgimento de uma literatura cuja ciência era o principal tópico já estavam semeadas. Para seu desabrochar, só faltava um autor qualificado:

As condições para o surgimento de uma literatura que tinha a ciência e a técnica por objeto, estavam, pois, criadas. Era uma literatura em busca de autor, como os personagens pirandellianos. E seu público estava também ali, nesse grande público que seguia os grandes avanços da ciência e da técnica através da divulgação científica, para o qual os periódicos abriam generosamente suas colunas (SALABERT, 1974, n.p., tradução nossa)¹⁹.

¹⁹ Las condiciones para la aparición de una literatura que tuviera la ciencia y la técnica por objeto, estaban, pues, creadas. Era una literatura en busca de autor, como los personajes pirandellianos. Y su público estaba también ahí, en ese gran público que seguía los grandes avances de la ciencia y la técnica a través de la divulgación científica, a la que los periódicos abrían generosamente sus columnas.

Além do mais, a circunstância em que projeto de Verne foi pensado e executado coincide com intensa euforia, e posterior tensão, entre as principais nações industriais do planeta. No caso da França de Verne, depois de um conturbado período político em que Império, Monarquia e República se alternaram no poder em um curto período de tempo²⁰, esta exerce, ao lado da Inglaterra, o protagonismo nessa conjuntura²¹.

Em decorrência da mutação sofrida em suas economias durante a Segunda Revolução Industrial (1850-1945), Estados Unidos e Europa Ocidental, entre 1875 e 1914 – a apropriação do mundo vinha sendo, todavia, ensaiada muito antes do “período oficial” do Imperialismo –, executaram uma política de expansão e dominação econômica, territorial, política e cultural em diversas sociedades situadas fora do eixo Estados Unidos-Europa. No próximo subitem nos deteremos com mais atenção nessa questão, para nós fundamental.

2.3. Sob o magnetismo dos “ismos”

Se por um lado entendemos ficção como um mecanismo de subterfúgio do mundo real, por outro, sabemos que seus elementos constituintes são obtidos nas fronteiras do mundo social conhecido.

A inteligibilidade do texto literário se deve ao processo de transfiguração da realidade, pois toda obra está intrinsecamente ligada à sociedade que a produziu. A concepção do espaço, do tempo e do meio cultural no qual o escritor vive servem como base para suas recriações de mundo. Dos contos de fadas, passando pelas histórias etiológicas, pelos cordéis, pelo gênero aventura, pela ficção científica até à moderna literatura fantástica, “toda literatura”, como nos lembra Ana Miranda (2011), “história o comportamento humano”.

Isso não significa, de forma alguma, que o literato esteja preso a leis deterministas. A propósito, se é lícito falar em determinismos, apenas uma assertiva é

²⁰ Com a queda do Império de Napoleão Bonaparte em 1815, a França experimentou um curto período monárquico entre 1815 e 1848. Após as graves crises econômicas de 1846 e 1847, a II República Francesa foi proclamada. Em 1851 um golpe de Estado concedeu a Luís Bonaparte, sobrinho de Napoleão, o título de imperador. Apenas em 1875, após nova tentativa de restauração da monarquia, uma nova constituição republicana foi aprovada.

²¹ Até o ano de publicação de *Cinco semanas num balão*, as principais intervenções francesas na África se resumem à recuperação de suas feitorias no Senegal em 1815, a tomada de Argel em 1830, a tomada de Nossy-Bé, ilha de Madagascar, em 1841, e a anexação de Mayotte e a conquista de soberania sobre a Assínia e o Gabão, em 1843 (BRUNSCHWIG, 2006).

possível. O artista, em diversos níveis, é modelado como também molda o tempo em que vive.

Jules Verne, como haveria de ser, travou incessante diálogo com as principais ideologias de sua época. Por detrás do mito do Verne vidente – seus textos “antecipam” uma série de inventos e conquistas humanas como o submarino elétrico e a viagem à lua, a televisão e o cinema falado, os helicópteros, os zepelins e os arranha-céus – ao longo dos três últimos quinquênios, vê-se oscilar um pequeno burguês, cúmplice e, em outras ocasiões, em conflito com a sua época, com concepções políticas e visões de mundo, hora ou outra, contraditórias.

Aliás, se aceitarmos que prever o futuro é julgar o presente, podemos considerar que a concepção romântica da ciência e do progresso, presente na primeira fase de suas *Viagens Extraordinárias*, flerta em grande parte, com duas vertentes ideológicas progressistas, as quais veremos a seguir, que tinham como horizonte a constituição de uma sociedade nova e industrializada, na qual a ciência desempenharia um papel primordial.

É possível que a corrente de pensamento que mais tenha exercido influência sobre a literatura de Verne tenha sido a chamada sansimoniana. Sistematizado pelos seguidores do economista francês Claude-Henry de Rouvroy (1760-1825), mais conhecido por Conde de Saint-Simon, e transformado em verdadeiro culto, o Sansimonismo desempenhou importante papel na França e em outras partes do mundo durante o século XIX, sendo um dos responsáveis pela mudança da mentalidade burguesa, que passou a se ocupar com a grande indústria.

Classificado como socialismo utópico por Karl Marx e Friedrich Engels em oposição ao socialismo científico, essa doutrina nasce sob um quadro histórico, em que a sociedade, sob a liderança política da burguesia liberal, encontra dificuldades para atenuar as contradições sociais. Essa doutrina censura a dinâmica imposta pelo capital, acusada de produzir mais misérias do que riquezas.

Ao contrário do que preconizavam Marx e Engels, que o novo mundo despontaria como consequência do processo revolucionário encabeçado pela classe proletária, para os sansimonistas, os agentes capazes a elevar a humanidade a um patamar superior, seriam os industriais (BARROS, 2011). Nesse modelo social pautado no industrialismo, etiquetado de utópico em função de seus formuladores não

terem elaborado mecanismos objetivos de aplicação, predominaria a harmonia entre os indivíduos envolvidos no processo de produção. Assim, o consenso e a boa vontade seriam pilares da coletividade.

Nesse mundo totalmente plausível para Saint-Simon, o operário, o industrial, o artista, e o banqueiro, trabalhariam sincronicamente em prol do desenvolvimento, ao passo que caberia ao sábio, quer dizer, ao homem da ciência, deliberar sobre os assuntos governamentais²². O Estado teria, então, funções diminutas nesse cenário. E mais, em *Cartas de um Habitante de Genebra a seus contemporâneos*, Saint-Simon defende que os cientistas substituam as autoridades eclesiásticas na função de líderes espirituais das sociedades modernas (BARROS, 2011). Ainda para esse pensador:

A história era como um círculo, no qual tudo caminhava para o seu oposto. Em compensação, para seus discípulos, a ideia de progresso fora adicionada e os períodos de ordem e desordem foram substituídos por “épocas orgânicas” e “épocas” críticas. Desta forma, o progresso tenta reduzir as diferenças e ampliar a sociedade, de forma que, a sorte da humanidade melhore (WALTER, 2011, p. 29-30).

Além da valorização da figura do industrial, mentor natural do progresso, a doutrina preconizava o fim do jugo do homem pelo homem, sendo o planeta, o objeto a ser explorado para usufruto de geral. A construção do Canal de Suez, idealizada por Ferdinand de Lesseps, concluída em 1869, é, de certa forma, uma alegoria dessa remodelação do planeta para fins comuns. O canal aproximava África, Europa e Ásia, e não era vetado aos países que quisessem tomar parte do comércio global (BRUNSCWIG, 2006).

No que toca a essa apreensão do globo como patrimônio coletivo e o papel da técnica neste processo, podemos claramente divisá-la em *Cinco semanas num balão*. Enquanto os protagonistas sobrevoam uma fértil região, para eles, de beleza hipnotizante, o personagem Samuel Fergusson assim responde ao questionamento levantado por seu criado Joe, sobre o motivo pelo qual regiões tão belas pertencem a povos tão bárbaros:

²² Uma das inovações da literatura verniana foi a anexação do engenheiro, do construtor e do cientista no rol dos personagens literários (SALABERT, 1974). Essa nova categoria é um dos traços incontestes da modernidade de sua obra. Parafrazeando Alexandre Dumas Filho (apud BENÍTEZ, 1990), seus heróis abandonam a espada e adotam o revólver.

— Sabe-se lá – replicou o doutor – se algum dia essa região não será o centro da civilização? Os povos do futuro estarão talvez aqui, quando as terras da Europa estiverem exauridas de tanto alimentar seus habitantes.

— Você acredita nisso? – perguntou Kennedy.

— Sem dúvida, caro Dick. Veja o rumo dos acontecimentos; considere as migrações sucessivas dos povos e você chegará à mesma conclusão que eu. A Ásia foi o primeiro celeiro do mundo, não é verdade? Durante uns 4 mil anos, ela trabalhou, foi fecundada, produziu e depois, quando as pedras tomaram o lugar das colheitas douradas de Homero, seus filhos abandonaram sua terra esgotada e murcha. Desde então, temos vistos os povos lançarem-se sobre a Europa, jovem e possante, que os alimenta há 2 mil anos. Mas sua fertilidade já não é mais a mesma; sua capacidade produtora diminui a cada dia; essas novas doenças que atingem a cada ano os produtos da terra, essas más colheitas, esses recursos insuficientes, tudo isso é um sintoma de uma vitalidade que já não é mais a mesma e de um esgotamento próximo [...]. Então, a África vai oferecer às novas raças os tesouros acumulados há séculos em seu seio. Estes climas, fatais aos estrangeiros, serão depurados pela divisão dos terrenos e das culturas, e pelas drenagens; estas águas dispersas serão reunidas em um leito comum, para formar uma artéria navegável. E esta região sobre a qual estamos planando, mais fértil, mais rica, mais vital que as outras, vai tornar-se um grande reino, que presenciara descobertas ainda mais espantosas que o vapor e a eletricidade (VERNE, 1998, p. 103-104)²³.

Miguel Salabert (1974) expõe com clareza as nuances sansimonianas contidas na obra verniana. Ele observa que grande quantidade dos romances denunciam uma confiança no progresso e no porvir, fazendo dos Estados Unidos da América, “o país do progresso e da liberdade”. A materialização da utopia.

Salabert (1974) vai além quando destaca o fato de que nos círculos de amizade de Verne havia inúmeros sansimonistas convictos, e parece não haver dúvidas de que

²³ — Et sait-on, répliqua le docteur, si quelque jour cette contrée ne deviendra pas le centre de la civilisation? Les peuples de l’avenir s’y porteront peut-être, quand les régions de l’Europe se seront épuisées à nourrir leurs habitants.

— Tu crois cela? fit Kennedy.

— Sans doute, mon cher Dick. Vois la marche des événements; considère les migrations successives des peuples, et tu arriveras à la même conclusion que moi. L’Asie est la première nourrice du monde, n’est-il pas vrai? Pendant quatre mille ans peut-être, elle travaille, elle est fécondée, elle produit, et puis quand les pierres ont poussé là où poussaient les moissons dorées d’Homère, ses enfants abandonnent son sein épuisé et flétri. Tu les vois alors se jeter sur l’Europe, jeune et puissante, qui les nourrit depuis deux mille ans. Mais déjà sa fertilité se perd; ses facultés productrices diminuent chaque jour; ces maladies nouvelles dont sont frappés chaque année les produits de la terre, ces fausses récoltes, ces insuffisantes ressources, tout cela est le signe certain d’une vitalité qui s’altère, d’un épuisement prochain [...]. Alors l’Afrique offrira aux races nouvelles les trésors accumulés depuis des siècles dans son sein. Ces climats fatals aux étrangers s’épuront par les assolements et les drainages; ces eaux éparses se réuniront dans un lit commun pour former une artère navigable. Et ce pays sur lequel nous planons, plus fertile, plus riche, plus vital que les autres, deviendra quelque grand royaume, où se produiront des découvertes plus étonnantes encore que la vapeur et l’électricité.

tenha lido os trabalhos de Saint-Simon, de Prosper Enfantin (1796-1864), Saint-Amand Bazard (1791-1832), Charles Fourier (1772-1837) e Ange Guepin (1805-1873), todos teóricos socialistas. Verne foi ainda leitor assíduo dos *Le Magasin Pittoresque* e *Le tour du Monde*, periódicos que tinham como diretor o também sansimoniano Edouard Charton (1807-1890). Esta última revista, publicada semestralmente, circulou entre 1860 e 1914, constituindo-se como importante dispositivo de divulgação dos relatos de viajantes que estiveram na África. Foi, de igual maneira, uma das fontes utilizadas por Verne na composição dos retratos de seus personagens não brancos (SANTOS, 2010).

Ao lado do Sansimonismo e, assim como este, uma resposta às transformações que estavam em curso nas sociedades pós Revolução Industrial, o Positivismo, uma das doutrinas filosóficas mais influentes da história das ideias, deixou profundas marcas nas *Viagens Extraordinárias* e, mais que a doutrina de Saint-Simon, na literatura e na mentalidade ocidental.

O Positivismo, cujo principal teórico foi Auguste Comte (1798-1857), autor de *Curso de Filosofia Positiva* (1830-1842) e *Catecismo positivista* (1852), retoma elementos da filosofia do final do século XVIII, principalmente itens da filosofia de Condorcet (1743–1794), e do pensamento de Saint-Simon, que aliás, introduziu o termo “positivo” na esfera epistêmica (ISKANDAR; LEAL, 2002).

Modelo de pensamento que se tornaria onipresente nas áreas do saber, o Positivismo idealiza um futuro em que a humanidade, após outorgar ao pensamento cientificista a atribuição central na organização da sociedade, se libertaria dos grilhões das superstições. Além de tentar estabelecer princípios reguladores – leis gerais –, discrimina a existência e a possibilidade de apreensão da “verdade absoluta”. Assim, há um desprezo aos tipos de conhecimentos impossíveis de serem comprovados através do método científico. Nisso, inclui-se o saber religioso e as “crendices populares”, e o saber filosófico, cujas especulações, dificilmente podem ser verificadas empiricamente. De acordo com Comte (1978, p. 3):

No estado positivo, o espírito humano, reconhecendo a impossibilidade de obter noções absolutas, renuncia a procurar a origem e o destino do universo, a conhecer as causas íntimas dos fenômenos, para preocupar-se unicamente em descobrir, graças ao uso bem combinado do raciocínio e da observação, suas leis efetivas, a saber, suas relações invariáveis de sucessão e de similitude. A explicação dos fatos, reduzida então a seus termos reais, se resume

de agora em diante na ligação estabelecida entre os diversos fenômenos particulares e alguns fatos gerais, cujo número o progresso da ciência tende cada vez mais a diminuir.

Para o positivista, a evolução e o progresso da humanidade ocorreriam quando a ciência se constituísse, literalmente, como a nova religião da humanidade. De acordo com a Lei dos Três Estados da filosofia comteana, cujo o terceiro corresponderia ao Estado Positivo – ou científico –, para que humanidade alcançasse o grau pleno de progresso, umas das barreiras a serem superadas, seria o que o filósofo chamou de estágios “teológico” e “metafísico”, ambos resquícios de forças obsoletas do passado. Somente após a superação desses “falsos” conhecimentos é que o homem desfrutaria de um mundo mais razoável.

É, portanto, nessa fase de culto ao progresso e celebração da ciência, somado à convicção de que as áreas virgens do globo, obscuras para os cartógrafos ocidentais, poderiam alçar a humanidade a um estágio nunca antes visto, que as relações entre Europa e África se intensificam. O interesse crescente pelo continente negro, portanto, não germina no vácuo:

Daí o extraordinário auge e impulso das explorações geográficas, das medições da terra, do desenvolvimento dos meios de comunicação, que são formas convergentes de tomar posse do mundo. Pioneiros desta empresa de apropriação, os exploradores, cientistas e missionários, constituem os românticos destacamentos de vanguarda do colonialismo e do imperialismo. Este novo espírito estabelece novas relações entre o homem e o cosmos (SALABERT, 1974, n.p., tradução nossa)²⁴.

Acerca dos reflexos das doutrinas sansimoniana e positivista nas *Viagens Extraordinárias*, observa-se que com o fluir dos anos o escritor passa a adotar uma postura um tanto pessimista com relação à exploração do planeta. A ciência, antes instrumento capaz de intervir na natureza para benefício do homem, submete-se ao poder do mercado. A sociedade ideal, mais justa, e não tão distante no horizonte, tida como plausível através da filantropia burguesa que se manifestaria no momento

²⁴ De ahí el extraordinario auge e impulso de las exploraciones geográficas, de las mediciones de la Tierra, del desarrollo de las vías de comunicación, que son formas convergentes de la toma de posesión del mundo. Pioneros de esta empresa de apropiación, los exploradores, científicos y misioneros, constituirán los románticos destacamentos de vanguardia del colonialismo y del imperialismo. Este nuevo espíritu establece nuevas relaciones entre el hombre y el cosmos.

oportuno, como julgava Fourier (BARROS, 2011), mostra-se cada vez mais inalcançável.

Assim, a obra de Verne vai então transpirar, ainda que de modo não direto, certa perplexidade que acompanhava o desbravamento do território africano, região onde, talvez, mais se notam os impactos do expansionismo europeu sob a égide de uma política imperialista, de maneira que isso “sangra” sutilmente por entre as entrelinhas do texto verniano.

De correntes dos diversos “ismos” do âmbito do pensamento que auxiliaram na reconfiguração da mentalidade no Ocidente, o Imperialismo e o Colonialismo oitocentistas, exerceram, de igual modo, significativa influência sobre o trabalho do escritor. O Imperialismo, na opinião de Said (2011, p. 42) pode ser definido como “a prática, a teoria e as atitudes de um centro metropolitano dominante governando um território distante”. Já o Colonialismo, geralmente uma consequência do primeiro, “é a implantação de colônias em territórios distantes”.

Devemos destacar que, quase por completo, o continente africano foi esquarterado e convertido em possessões europeias. Violadas as especificidades das culturas locais no momento da partilha, de galinha dos ovos ouro das economias escravocratas do Velho e Novo Mundo, o papel da África foi redefinido, para uma posição não menos degradante, dentro da dinâmica de interdependência entre as nações.

Hobsbawm (1988b) define o período compreendido entre 1875 e 1914, possivelmente a época da história moderna em que mais houve governantes utilizando o título de “imperador”, como a Era dos Impérios. Representada particularmente pela França, Grã-Bretanha, Alemanha, Bélgica e Estados Unidos, a política imperialista tratou de dividir e subjugar de forma direta ou indireta, quase em sua totalidade, a África, a Ásia e, de um modo diferenciado, a América Latina.

Tão dramática quanto uma vida de cativo ou degredo na qual estava sujeita no período escravista, a nova realidade do povo africano, sob a proteção europeia, significou para o nativo um inesperado confronto entre suas tradições e modos de vida, com os costumes do colonizador. Fora as agressões físicas e psicológicas que acompanham o projeto colonialista, este, coercitivamente, quando a persuasão se mostrou ineficaz, encarregou-se de reduzir o aborígine a uma peça a mais na

engrenagem econômica mundial.

Os motivos que explicam a usurpação do mundo por um número reduzido de países, fato que representa uma nítida separação entre fortes e fracos (HOBSBAWM, 1988b) são variados, todavia, é consenso a importância basilar da dimensão econômica do fenômeno. Embora não exista apenas uma única causa que explique a expansão colonialista, é certo que todas elas estão interligadas ao desenvolvimento do capitalismo em seu estágio industrial. A necessidade de se obter matérias-primas para as indústrias, a necessidade de novos mercados consumidores externos, a necessidade de suprir a demanda alimentar na Europa, cada vez crescente, devido ao crescimento demográfico e, por fim, a adoção do chamado imperialismo financeiro, prática instituída por banqueiros, industriais e investidores, caracterizada pela exportação de capitais, impulsionaram a avalanche colonialista (BRUIT, 1986).

Para se ter uma melhor ideia, a média da expansão territorial das nações imperialistas entre o início da década de 1870 até 1914, foi de 560.000 km² ao ano (BRUIT, 1986), valor quase correspondente ao tamanho territorial do Estado de Minas Gerais, nosso quarto maior Estado em extensão.

Essa disputa, como já foi dito, não teve como mola propulsora apenas fatores econômicos, mas foi também motivada por fatores políticos-estratégicos e nacionalistas. Muitos países foram movidos pela ideia de que ser uma potência, significava possuir em todas as partes continentais, colônias, protetorados ou bases navais. Desta maneira, cada território sob tutela, equivaleria a um território a menos sob domínio de outra nação rival (BRUIT, 1986). Ademais, essa rivalidade, que se intensifica longe da Europa, é um dos constitutivos na eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

Soma-se a esses fatores, a convicção na superioridade cultural e intelectual da raça branca e na missão civilizadora, crença segundo a qual essa raça estava destinada a disseminar entre os selvagens os avanços conquistados e acumulados pela civilização. Utilizando como parâmetro o desenvolvimento material e industrial, disseminou-se o senso de hierarquia entre povos. Lógica segundo a qual, quanto mais distante do polo irradiador de civilização se achava a sociedade, mais era considerada primitiva.

Com o intuito de aclarar como esse sistema de pensamentos se refletia na

prática, analisemos o artigo 6º da ata geral da Conferência de Berlim. Essa reunião ocorreu entre as potências em 1885 e estabeleceu as regras de navegação nas bacias dos rios Congo e Níger, e os preceitos para ocupações futuras na África. O documento expõe de forma precisa o sentimento de superioridade:

Todas as Potências que exercem direitos de soberania ou uma influência nos referidos territórios, comprometem-se a velar pela conservação das populações aborígenes e pela melhoria de suas condições morais e materiais de existência e em cooperar na supressão da escravatura e principalmente no tráfico dos negros; elas protegerão e favorecerão, sem distinção de nacionalidade ou de culto, todas as instituições e empresas religiosas, científicas ou de caridade, criadas e organizadas para esses fins ou que tendam a instruir os indígenas e a lhes fazer compreender e apreciar as vantagens da civilização²⁵.

O sentido de transcendência do qual goza a cultura metropolitana, que como podemos comprovar, se desdobra em falas sobre “conservação”, “melhoria” e “instrução” das populações autóctones, se assenta, nesse momento, nos mais variados ramos do saber científico. É possível afirmar que Imperialismo e ciência se promoveram mutuamente, em um círculo vicioso.

Fora do âmbito oficial é expressivo o número de publicações com as credências da ciência que elevaram ao extremo a ideia da superioridade caucasiana. Gobineau, filósofo francês, em seu *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas* (1855), ao discutir as diferenças entre raça branca, negra e amarela, propondo que nenhuma grande civilização é herdeira senão do homem branco, propagou o mito ariano. Para ele, a miscigenação seria a principal culpada pelo rebaixamento moral e intelectual que entendia acometer sua nação. Em caminho análogo, do outro lado do Canal da Mancha, podemos citar Robert Knox (1793-1862), inglês autor de *As raças do homem* (1850). Knox é o principal propagador do mito da superioridade e da vocação para a dominação da raça saxônica.

O bombardeio ideológico no qual o intelectual da época de Verne estava exposto, não se encerra aqui. Bruit (1986, p. 9) nos ajuda a compreender melhor no que consistiu a missão civilizadora e sua relação com o saber oitocentista:

Foi notória a visão de que a colonização era uma missão civilizatória

²⁵ Documento completo disponível em: <http://www.casadehistoria.com.br/sites/default/files/conf_berlim.pdf>. Acessado em 21 de agosto de 2017.

de uma raça superior, a branca. Esta convicção baseava-se na superioridade que o europeu e o americano viam em suas instituições políticas, na organização da sociedade, no desenvolvimento industrial. Ao mesmo tempo, esta imagem era estimulada por doutrinas marcadamente racistas, como a elaborada pelo filósofo inglês H. Spencer, conhecida por “darwinismo social”. Segundo essa filosofia, a Teoria da Evolução de Darwin podia ser aplicada perfeitamente à evolução da sociedade. Assim como existia uma seleção natural entre as espécies, ela também existia na sociedade.

Essas perspectivas eurocêntricas, ganharam ainda mais impulso com a publicação dos estudos de Charles Darwin (1809-1882), *A origem das espécies* (1859) e *A origem do homem* (1871). Não tardou para que os conceitos darwinistas, deturpados, migrassem para os estudos das sociedades humanas. Como resultado, essa transposição naturalizou a inferioridade dos povos que não desenvolveram comunidades complexas. O raciocínio era simples. Se na natureza, nos reinos vegetal e animal, o mais apto tende a levar vantagem na luta pela sobrevivência, a aplicação da teoria darwinista ao estudo das sociedades, concluiu existir, uma seleção natural similar entre as raças e as coletividades humanas. Além disso, os darwinistas sociais elaboraram o argumento de que é direito do mais forte se apoderar de tudo que os negros, amarelos e o índios não sabiam tirar proveito (BRUIT, 1986).

Desta feita, estes valores se sobressairão nas páginas de Verne em diferentes instâncias e graus.

CAPÍTULO 3 - UM OLHAR DE RAPINA

Aqui não há russos nem ingleses, mas apenas europeus unidos para defender-se!
(Jules Verne – *Três russos e três ingleses*).

3.1. No coração do perigo: focalizando o Outro

A relação entre narrativa e o poderio europeu permeia a tese de Said em *Cultura e Imperialismo* (2011): a narrativa se constituiu como método para o colonizador moldar sua identidade e sua história. Foi ela também que indicou, a quem pertenciam os territórios além-mar. “O poder de narrar, ou de impedir que se formem e surjam outras narrativas, é muito importante para a cultura e o imperialismo” (SAID, 2011 p. 11).

Embora seja um desafio se estabelecer uma exata relação de causa e consequência entre a forma romanesca e o imperialismo, é fato que ambas se alimentaram e se fortaleceram mutuamente.

Visto por esse ângulo, *Cinco semanas num balão* é um espécime de texto-modelo. Desempenha ambas as funções: esculpe uma identidade superior para o colonizador e representa a África como um local necessitado de ser “possuído” por populações melhores. Assim sendo, nesse terceiro capítulo, nosso objetivo central é avaliar como Verne leva a termo a sua segregação, que pode ser expressa pela expressão “barbárie e civilização”, e demonstrar o quanto tal delimitação possui significados práticos.

No que corresponde às identidades “ocidental” e “africano”, podemos ver que, para o narrador de Verne, essas são, pois, reforçadas, sobretudo, através da caracterização física e psicológica dos seus personagens e na ênfase e distorção dos elementos culturais da terra. No enredo, vemos que a África, vista de cima, do balão a gás *Vitória*²⁶, salvo as diferenciações mais sensíveis feitas entre árabes e negros, parece ser habitada por uma população homogênea, comumente canibal, cruel, preguiçosa, inclinada à arte da guerra e fanática por natureza.

²⁶ Em sua decolagem, o aeróstato é batizado em homenagem a rainha britânica Vitória. Há aqui, uma expressão triunfalista patente. Mas não é apenas o êxito da expedição que é prontamente dado. A vitória a qual o balão simboliza, se insere, evidentemente, dentro de um campo de “luta entre civilizações”.

Na resposta dada por Samuel Fergusson à indagação de Dick Kennedy sobre o porquê de não atravessarem a África pelos meios convencionais, por via terrestre, o doutor expõe os seus motivos condensando essa região:

— Por quê? – respondeu o doutor com animação. – Porque até aqui todas as tentativas fracassaram! Porque desde Mungo-Park, assassinado no Níger, até Vogel, que desapareceu no Wadaï; desde Oudney, morto em Murmur, e Clapperton morto em Sakatou, até FrançaisMaizan, cortado em pedaços; desde o major Laing assassinado pelos tuaregues, até Roscher de Hambourg, massacrado no início de 1860, muitas vítimas foram inscritas no martirologio africano! Por que lutar contra os elementos, contra a fome, a sede, a febre, contra os animais selvagens e contra tribos mais selvagens ainda é impossível! Porque o que não pode ser feito de uma maneira deve ser feito de outro jeito! E finalmente, porque, lá onde não se pode passar no meio, deve-se contornar ou passar por cima! (VERNE, 1998, p. 25)²⁷.

Retira-se desta explanação inicial do cientista dois elementos significativos. Primeiramente, a África é um local a ser evitado a todo custo, a não ser que seja superada engenhosamente através do aeróstato e a uma distância segura. Os fatos falam por si só. O continente, parece ter vocação para se tornar túmulo do homem branco, como provam as vítimas recordadas. Segundo, a África é tudo aquilo, em teoria, que a Europa não o é. Um local previsível no que se refere às vicissitudes da natureza, onde pouco há de doenças, animais realmente perigosos e de grande porte, e humanos da pior classe.

Quanto ao uso de toda documentação disponível, o romance de Verne é paradigmático no sentido de “preenchimento do desconhecido”. As fontes empregadas na transposição para a ficção dos universos que eram inacessíveis ao romancista, foram, em sua maioria, extraídas de relatos de viajantes, estudos de naturalistas, artigos de jornais e textos literários. A África verniana é, portanto, um amálgama de discursos textuais ou iconográficos. Todavia, quando há a ausência de informações mais precisas, Verne lança mão de sua imaginação privilegiada.

²⁷ — Pourquoi? répondit le docteur en s’animant; parce que jusqu’ici toutes les tentatives ont échoué! Parce que depuis Mungo-Park assassiné sur le Níger jusqu’à Yögel disparu dans le Wadaï, depuis Oudney mort à Murmur, Clapperton mort à Sackatou, jusqu’au Français Maizan coupé en morceaux, depuis le major Laing tué par les Touaregs jusqu’à Roscher de Hambourg massacré au commencement de 1860, de nombreuses victimes ont été inscrites au martyrologe africain! Parce que lutter contre les éléments, contre la faim, la soif, la fièvre, contre les animaux féroces et contre des peuplades plus féroces encore, est impossible! Parce que ce qui ne peut être fait d’une façon doit être entrepris d’une autre! Enfin parce que, là où l’on ne peut passer au milieu, il faut passer à côté ou passer dessus!

Mas, em se tratando de representar regiões periféricas, até a imaginação obedece a certos limites. Said (2007) explica, que mesmo para os escritores com a imaginação mais aflorada, como é o caso do nosso romancista, deve prevalecer a consciência de certas restrições sobre o que deva ou não ser dito sobre o Oriente. Assim, ao elaborar sua África, Verne mantém ou hiperboliza as características negativas pelas quais o continente é lembrado. Fazendo isso, além de se manter fiel à lógica da verossimilhança na qual sempre foi obcecado, Verne se associa à uma tradição de discursos.

Vejam nas duas passagens a seguir como alguns desses preceitos se anunciam nas expectativas de seus protagonistas sobre a África. Na situação mais dramática do romance, e após já terem enfrentado, com sucesso, alguns perigos, os heróis se deparam com uma situação de risco de morte. É na aflição do deserto – uma calmaria momentaneamente impede o balão de prosseguir seu curso – em meio às insuportáveis temperaturas e a ausência de água, que o criado Joe, enfim, acredita estar na África. O diálogo é com o Fergusson, que diz ao empregado:

— Aqui está a África, tal como você a imaginava, Joe; eu tinha razão em dizer: tenha paciência!

— Pois é, senhor – respondeu Joe –, isto pelo menos é natural! Calor e areia! Seria absurdo procurar outra coisa numa região dessas. O senhor compreende, acrescentou ele, rindo, eu não acreditava em suas florestas e pradarias; era um contra-senso! Não vale a pena vir de tão longe para encontrar a mesma paisagem da Inglaterra. Esta é a primeira vez que acredito que estou na África, e não estou nem um pouco aborrecido com essa experiência (VERNE, 1998, p. 168)²⁸.

Nota-se que Fergusson tinha convicção de que a África, a qualquer momento, mostrar-se-ia em seu aspecto mais severo. Suas palavras são uma provocação ao julgamento precipitado que Joe manifesta no princípio da jornada. Comentando sobre a desvantagem de sobrevoarem a África durante os períodos noturnos, pois tão importante quanto atravessá-la, segundo Fergusson, era vê-la, descortina-la, apreendê-la, este, ouve do empregado que até àquela altura da viagem não existiam motivos para queixas, dado que tudo que eles presenciavam era “o país mais cultivado e mais fértil

²⁸ «Voici l’Afrique, telle que tu te la représentais, Joe; j’avais raison de te dire: Prends patience!

— Eh bien, Monsieur, répliqua Joe, voilà qui est naturel, au moins! de la chaleur et du sable! il serait absurde de rechercher autre chose dans un pareil pays. Voyez-vous, ajouta-t-il en riant, moi je n’avais pas confiance dans vos forêts et vos prairies; c’est un contre-sens! ce n’est pas la peine de venir si loin pour rencontrer la campagne d’Angleterre. Voici la première fois que je me crois en Afrique, et je ne suis pas fâché d’en goûter un peu.

do mundo, no lugar de um deserto” (VERNE, 1998, p. 75)²⁹ e que aquilo provava que os geógrafos, em absoluto, não mereciam qualquer credibilidade.

Sabe-se o Saara foi durante longo período – e pode-se dizer que ainda o é – um tipo de “cartão postal” africano. Observamos que Joe embarca para a África com uma ideia fixa do que seja esse continente em termos de natureza. Para ele, não faria sentido se deslocar de sua familiar Inglaterra, para um espaço geográfico que lhe ofereceria as mesmas imagens cotidianas. Em sua ideia, a África era acima de tudo um misto de calor e areia, porque a África é projetada, invariavelmente, como um local predominantemente quente e arenoso.

Embora o obstáculo o qual os heróis por pouco não sucumbem de forma agonizante ocorra a léguas do marco de partida do balão – e nesse ínterim boa parte daquele imenso território já havia sido sondado – somente a confirmação dessas imagens torna a “experiência africana” do criado mais satisfatória. O jovem tem uma ideia de África bem solidificada em mente, e faz questão que suas expectativas sejam concretizadas. As pradarias e florestas são um detalhe anômalo naquele espaço.

Mas não é apenas o rústico empregado que possui ideias enraizadas. Ainda que o sábio doutor tenha mais convicção sobre o que encontrariam em sua jornada, pois ao contrário de Joe, era um grande erudito, viajante experimentado e estudioso dos relatos de outros exploradores, sua África não foge aos estereótipos.

Em certa altura da viagem, vítima da insalubridade de determinada região, Dick encontra-se enfermo. A solução de cura, avaliada pelo doutor, é elevar o balão acima daquela “atmosfera pestilenta”, para uma menos prejudicial à “saúde branca”. Sobrepujando as nuvens, com a paisagem se desenrolando abaixo como um grande mapa-múndi, os viajantes logo percebem os primeiros resultados da medicação pensada pelo cientista, refletido na melhora de Dick. Como resposta ao elogio de Joe sobre a maravilha de se viajar por aquele meio de transporte, Fergusson apresenta sua réplica:

— Se precisássemos andar sobre esse terreno acidentado – disse ele – iríamos nos arrastar numa lama infecta. Desde que deixamos Zanzibar, a metade de nossos animais de carga já estariam mortos de cansaço. Estaríamos parecendo uns fantasmas, completamente desesperados. Enfrentaríamos lutas frequentes com nossos guias e carregadores, continuamente expostos à brutalidade

²⁹ Le pays le plus cultivé et le plus fertile du monde, au lieu d’un désert!

deles. Durante o dia, enfrentaríamos um calor úmido, insuportável, opressivo! À noite, um frio muitas vezes difícil de aguentar e as picadas de certos mosquitos, que furam até a lona mais grossa e nos deixam loucos! E tudo isso, sem falar dos animais e das tribos ferozes!(VERNE, 1998, pp. 80-81)³⁰.

Independentemente das variações de conteúdo, tanto as esperanças de Joe quanto as certezas de Fergusson sobre o que simbolizava a África, nos levam de encontro ao que esclarece Said (2007, p. 35). A imaginação sobre as coisas orientais, ganha forma a partir de uma “consciência ocidental soberana”, raramente combatida ou questionada. Assim, o oriente é arquitetado, “primeiro de acordo com ideias gerais sobre quem ou o que era um oriental, depois de acordo com uma lógica detalhada regida não apenas pela realidade empírica, mas por uma bateria de desejos, repressões, investimentos e projeções”.

Vemos que o próprio doutor, nos poupa algum trabalho e delimita a sua África a partir de princípios gerais. A África na qual crê, pode ser resumida por uma série de características nem um pouco atrativas: é insalubre, imprópria para animais de carga; os nativos, carregadores ou guias, não são confiáveis, enfim, é quente e úmida e seus animais são ferozes. Suas tribos, igualmente. Decerto, a penetração no continente fornece a Fergusson, algumas experiências originais, mas, em essência, sua África e seus africanos já estavam definidos de antemão. Suas experiências, no geral, só servirão para confirmar o que já era sabido.

Sentenças similares a de Fergusson, sejam elas advindas dos demais personagens ou do narrador não são exceções na narrativa. Pelo contrário. Do ponto de vista estrutural do romance, a todo momento esses tipos de construções compõem uma espécie de anticlímax que acaba por antecipar os episódios subsequentes. Desse modo, Verne arquiteta o seu texto de modo que imagens prévias sobre a África, criadas pelos protagonistas, correspondam na prática àquelas expectativas.

Dito isso, pode-se concluir que a África é para os heróis, mais um local de confirmação de ideias antecipadas do que propriamente um ambiente que oferece à

³⁰ «S’il nous fallait marcher sur ce terrain détrempe, dit-il nous nous traînerions dans une boue malsaine. Depuis notre départ de Zanzibar, la moitié de nos bêtes de somme seraient déjà mortes de fatigue. Nous aurions l’air de spectres, et le désespoir nous prendrait au cœur. Nous serions en lutte incessante avec nos guides, nos porteurs, exposés à leur brutalité sans frein. Le jour, une chaleur humide, insupportable, accablante! La nuit, un froid souvent intolérable, et les piqûres de certaines mouches, dont les mandibules percent la toile la plus épaisse, et qui rendent fou! Et tout cela sans parler des bêtes et des peuplades féroces!

visão e demais sentidos, elementos de ineditismo. Aliás, em todo o preambulo que antecede a jornada, o leitor é a todo momento levado a conscientizar-se de que o incomum *safari* aéreo de cinco semanas se trata de um passeio, com riscos, a locais não exatamente hospitaleiros. Isso quer dizer, que Verne desde o princípio rabisca um ambiente selvagem que gradativamente ganhará cores – e “odores” – conforme o balão avança em latitude.

Observemos, que desde o primeiro contato estabelecido entre os viajantes e os africanos, os protagonistas já podem começar a saciar suas convicções. Às vésperas da derradeira partida, com os aventureiros estacionando em Zanzibar após várias semanas margeando as costas oeste e sul da África a bordo da fragata *Resolute*, ocorre a seguinte situação:

Mas, quando o aeróstato estava sendo desembarcado, o cônsul foi prevenido de que a população da ilha, opor-se-ia a isso pela força. Nada mais cego que as paixões fanatizadas. A notícia da chegada de um cristão que devia voar pelos ares foi recebida com irritação; os negros, mais emotivos que os árabes, viram nesse projeto intenções hostis à sua religião. Achavam que era uma afronta ao Sol e à Lua. O fato é que esses dois astros são objeto de veneração por parte dos povos africanos. Por isso, resolveram opor-se ao sacrilégio daquela expedição (VERNE, 1998, pp. 64-65)³¹.

De cara, sem nenhum prelúdio que pudesse contextualizar o nativo dentro de seu dia-a-dia, nos é dada uma ideia de como seria, de um povo cujas limitações eram bem conhecidas, a recepção mais compatível. Além de que, Zanzibar é reduzida a um destacável posto comercial de goma e marfim, mas principalmente, um entreposto de tráfico humano. Esse instantâneo mau acolhimento, além de corresponder às expectativas de Dick, Joe e Fergusson, sinaliza, principalmente, para o que os heróis deveriam encontrar em termos de resistência até o final de sua jornada.

No quadro de boas-vindas supracitado, deve-se destacar que a oposição à viagem, tem por origem, um argumento religioso, a saber, a superstição de um povo que venera os astros do dia e da noite. Considerando a circunstância em que a expedição dos viajantes é planejada, ou seja, levando-se em conta que a empresa tem

³¹ Mais, lors du débarquement de l'aérostat, le consul fut averti que la population de l'île s'y opposerait par la force. Rien de plus aveugle que les passions fanatisées. La nouvelle de l'arrivée d'un chrétien qui devait s'enlever dans les airs fut reçue avec irritation; les nègres, plus émus que les Arabes, virent dans ce projet des intentions hostiles à leur religion; ils se figuraient qu'on en voulait au soleil et à la lune. Or, ces deux astres sont un objet de vénération pour les peuplades africaines. On résolut donc de s'opposer à cette expédition sacrilège.

por horizonte fins de desmistificação, a situação de desconforto e fúria dos nativos, traz um sentido um tanto óbvio. A religião dos aventureiros desponta como a “fé racional”, enquanto que para o paganismo africano, elevar-se aos ares, era uma grave ofensa aos astros-deuses. Para os negros, seria intolerável que um objeto de fabricação humana ousasse roubar ao sol e à lua sua majestade na abóbada celeste. Para o homem da ciência, contudo, uma consideração descartável.

Esse tipo de binarismos ao qual Verne recorre se repete incansavelmente sob inúmeras formas. Ora em ofensivas diretas ao nativo como no excerto aqui citado, ora nas exaltações às qualidades do homem ocidental – anunciadores, estes, das boas novas do progresso e da técnica –, Verne vai costurando o limiar entre mundos. Ainda que a fauna e a flora tenham grande importância nessa delimitação, mais do que qualquer outro elemento constitutivo do cenário, são os nativos, os verdadeiros objetos de contraste e obstáculos a serem suplantados. Eis um exemplo mais incisivo, mas não o último.

Momentos antes do balão alçar voo, a hostilidade se intensifica:

Os negros continuavam a manifestar sua cólera com gritos, caretas e contorções. Os feiticeiros percorriam os grupos irritados, insuflando-os; alguns fanáticos tentaram chegar até a ilha, a nado, mas foram afastados sem maiores dificuldades.

Então os sortilégios e feitiços começaram; os fazedores de chuva, que têm a pretensão de comandar as nuvens, chamaram os furacões e as “chuvas de pedra” em sua ajuda; para isso, colheram folhas de todas as diferentes árvores da região; elas foram fervidas em fogo baixo, enquanto matavam um carneiro enfiando uma grande agulha no seu coração. Mas apesar dessas cerimônias, o céu continuou puro, e eles ficaram com o carneiro e as caretas.

Os negros se entregaram, então, a orgias furiosas, embebedando-se com *tembo*, um licor fortíssimo tirado do coqueiro, ou com uma cerveja extremamente capitosa, chamada *togwa*. Os cantos, sem melodia apreciável, mas bem ritmados, prosseguiram até bem tarde da noite (VERNE, 1998, pp. 66-67)³².

³² Les nègres continuaient à manifester leur colère par des cris, des grimaces et des contorsions. Les sorciers parcouraient les groupes irrités, en soufflant sur toute cette irritation; quelques fanatiques essayèrent de gagner l'île à la nage, mais on les éloigna facilement.

Alors les sortilèges et les incantations commencèrent; les faiseurs de pluie, qui prétendent commander aux nuages, appelèrent les ouragans et les «averses de pierres» à leur secours; pour cela, ils cueillirent des feuilles de tous les arbres différents du pays; ils les firent bouillir à petit feu, pendant que l'on tuait un mouton en lui enfonçant une longue aiguille dans le cœur. Mais, en dépit de leurs cérémonies, le ciel demeura pur, et ils en furent pour leur mouton et leurs grimaces.

Les nègres se livrèrent alors à de furieuses orgies, s'enivrant du «tembo,» liqueur ardente tirée du cocotier, ou d'une bière extrêmement capiteuse appelée «togwa.» Leurs chants, sans mélodie appréciable, mais dont le rythme est très juste, se poursuivirent fort avant dans la nuit.

A imagem pintada é grotesca. A hostilidade, exacerbada, se transforma em tentativas de ataque. Sacrifícios, bruxarias, orgias e bebedeiras concorrem na tentativa de anular a expedição herética.

Esses tipos de imagens, cujas funções excedem os papéis estéticos e acentuam o caráter supersticioso e irracional da “religião africana”, podem ser pensadas a partir da observação de GOODY (2008). O cientista social nos mostra que é característica das sociedades humanas expressarem algum nível de etnocentrismo. Importante para a constituição da identidade pessoal e social, o etnocentrismo – o eurocentrismo e o orientalismo são seus subprodutos – não é uma particularidade branca.

Mas, se o pensamento etnocêntrico não foi inventado pelos europeus, estes, por meio da dominação, acabaram por exercer a “violência de representação do outro” (GOODY, 2008). Fosse como fosse, o monopólio do “dizer sobre outrem” significou para o lado mais fraco, a impossibilidade de se expressar ao mundo sem os acessórios de barbarismo que lhe eram colocados por cima pela tradição europeia.

Por um outro lado, dentro do ponto de vista do que o colonialismo significou, em diversos graus, no processo cultural de ocidentalização das áreas sob influência de uma metrópole, temos, em contrapartida, um dos principais elementos que o mundo subalterno ofereceu em troca: o exotismo (HOBSBAWM, 1988b). Esse exótico, todavia, quando oriundo de um país comprovadamente “civilizado”, foi tratado pelos representantes da ilustração francesa, como um tipo de “barômetro moral da civilização europeia” (HOBSBAWM, 1988b). Quer dizer, por comparação, esse país distante e atípico, serviria para ilustrar a atrofia moral do ocidente, que se julgava crônica, como faz Montesquieu em *Cartas Persas* (1721)³³. A concepção sobre essas sociedades, se modifica sensivelmente no século XIX. Se antes não deixavam de ser consideradas inferiores, eram, ao menos, portadoras de ensinamentos salutares e com algum nível de utilidade. As coletividades interpretadas como primitivas, do século de Verne, porém, pouco ou quase nada tinham a oferecer. O “bom selvagem”³⁴ se

³³ Pela perspectiva de dois persas que visitam Paris e que se correspondem com seu país natal por epístolas, Montesquieu, por meio da ficção, critica aspectos da França de seu tempo (Cf. MONTESQUIEU. *Cartas persas*. Lisboa: Tinta da China, 2015).

³⁴ O mito do “bom selvagem” tem origens na filosofia de Rousseau. Este julgava ser o homem bom e puro por natureza. A raiz da degeneração humana residiria, no seu entender, no modo como as sociedades modernas se organizavam. Assim, o indígena surge como o modelo idealizado.

descaracteriza e se dilui apenas no selvagem a ser criticado, consertado, guiado e, igualmente, a ser exposto em museus.

Contudo, antes de explorarmos adequadamente como este nativo tido como degenerado é tratado por Verne, se faz necessário, revelarmos que as funções dos modelos de representações presentes em *Cinco semanas num balão* vão muito além de simples impulso etnocêntrico. Ou seja, exporemos maneiras de se abordar o “diferente”, e sua aplicabilidade no mundo físico. Isto nos leva ao fato de que a detração ou negação das qualidades do “outro” se constitui para as nações atreladas ao colonialismo, como uma produtiva fábrica de justificativas. Tratando-se dos períodos pré-imperialista e imperialista, representar a África era, antes de mais nada, lutar por esse continente, reivindicá-lo. É novamente Albert Memmi (2007, p. 120) que vem a nos fornecer o aporte teórico para discutirmos esse ponto:

Quando o colonizador afirma, em sua linguagem, que o colonizado é um débil, sugere com isso que essa deficiência demanda proteção. Daí, sem risos - ouvi isso com frequência -, a noção de protetorado. É do próprio interesse do colonizado ser excluído das funções dirigentes; e que essas pesadas responsabilidades sejam reservadas ao colonizador. Quando o colonizador acrescenta, para não cair na solicitude, que o colonizado é um retardado perverso, com maus instintos, ladrão, ligeiramente sádico, legitima assim sua polícia e sua justa severidade. É preciso mesmo se defender contra as perigosas tolices de um irresponsável; e também, preocupação meritória, defendê-lo contra si próprio!

Se avaliarmos as representações vernianas à luz da compreensão de Memmi, podemos dizer que na ocasião em que romancista traça o autóctone com cores repulsivas, descaracterizando sua religião, associando-a ao fanatismo e a elementos censuráveis no ocidente cristão “ilustrado” – como sacrifícios, feitiçarias e práticas sexuais coletivas – não está produzindo em nada imagens neutras. Subjacente a tais retratos há justificativas suficientes que legitimam as políticas de dominação e seus métodos, sejam esses quais forem. Daí vê-se que o mesmo leitor que se deleita e que se choca com estas situações, em última instância, incorpora a certeza de sua superioridade e da universalidade de sua própria civilização.

Há na última passagem retirada ao texto de Verne, uma situação certamente perturbadora ao expectador ou leitor ocidental. Todavia, no âmbito da narrativa, o ritual não oferece riscos, de fato, aos protagonistas, visto que todo um aporte de segurança fora montado pelo cônsul inglês em serviço em Zanzibar, para garantir o

êxito da partida do aeróstato. Comparado ao que estava por vir, esses nativos podem ser considerados uma ameaça menor. A situação começa a mudar com os heróis acomodados na cesta do balão a poucos quilômetros da costa.

Habitando-se ao panorama, os aventureiros se defrontam com um conjunto de árvores que se destaca na paisagem por sua aparência singular. Joe é o primeiro a se manifestar a respeito:

— Que árvores magníficas! – Exclamou Joe. – Apesar de muito natural, é lindo! Bastaria uma dúzia delas para fazer uma floresta.

— São baobás – respondeu o dr. Fergusson –; olhe, o tronco desse aqui deve ter cem pés de circunferência. Foi talvez ao pé dessa mesma árvore que o francês Maizan morreu, em 1845, pois estamos acima da aldeia de Deje-la-Mhora, onde ele se aventurou sozinho; foi capturado pelo chefe do lugar, amarrado ao pé de um baobá e então esse negro feroz cortou suas articulações lentamente, enquanto ressoava o grito de guerra; depois, ele cortou a garganta, parou para afiar a faca gasta e arrancou a cabeça do infeliz antes que ela fosse cortada! Esse pobre francês tinha apenas 26 anos! (VERNE, 1998, p. 74)³⁵.

A contemplação dos baobás – árvores endêmicas em certas regiões africanas e de certa simbologia para algumas culturas negras – de tamanhos colossais e intimidadores para o desabitado, leva o doutor a conjecturar a possibilidade de aquele local, em específico, ser o sepulcro de um famoso explorador. Temos nesse instante uma imagem trazida à tona – muito provavelmente baseada em fontes factuais – que excede, em muito, a incoerência inofensiva das expressões de religiosidade dos residentes de Zanzibar.

A desventura do aventureiro francês, dramatizada por Fergusson a seus companheiros, fornece nesse ponto da narrativa, um fragmento de “realidade” aos heróis, que até então, só haviam ouvido falar das atrocidades dessa espécie com algum nível de distanciamento.

³⁵ — Quels arbres magnifiques! s'écria Joe; quoique très naturel, c'est très beau! Il n'en faudrait pas une douzaine pour faire une forêt.

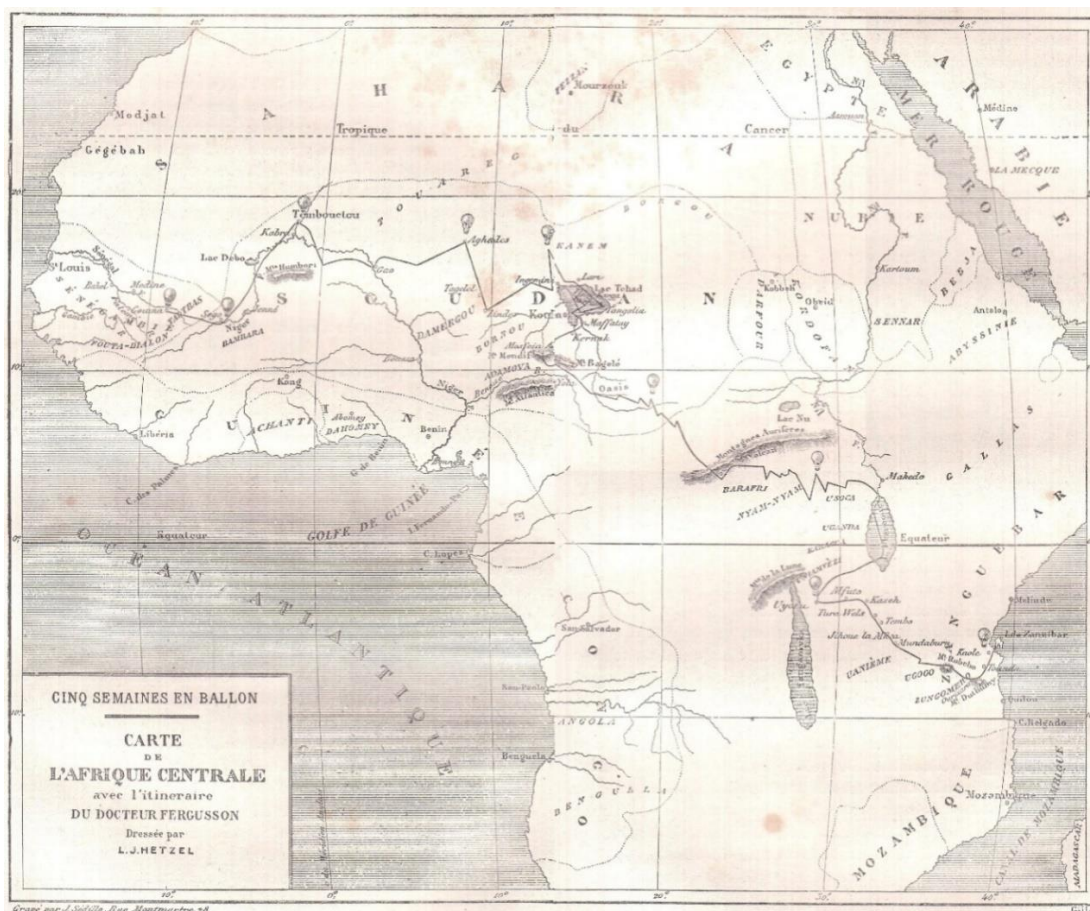
— Ce sont des baobabs, répondit le docteur Fergusson; tenez, en voici un dont le tronc peut avoir cent pieds de circonférence. C'est peut-être au pied de ce même arbre que périt le Français Maizan en 1845, car nous sommes au-dessus du village de Deje la Mhora, où il s'aventura seul; il fut saisi par le chef de cette contrée, attaché au pied d'un baobab, et ce nègre féroce lui coupa lentement les articulations, pendant que retentissait le chant de guerre; puis il entama la gorge, s'arrêta pour aiguïser son couteau émoussé, et arracha la tête du malheureux avant qu'elle ne fût coupée! Ce pauvre Français avait vingt-six ans!

Cabe esclarecer, que Eugène Maizan (1815-1845), tem seu lugar cativo dentro da “martirologia africana”. Este é apenas mais um, dentre as dezenas de aventureiros, a quem Verne presta a homenagem da lembrança. As circunstâncias de sua morte, na maneira como é elaborada literariamente, trazem as mesmas implicações comentadas por Memmi (2007). Porém há um agravante. Não se trata de uma situação de autodestruição nativa e de fanatismos com consequências pouco graves, mas de uma agressão lograda a um representante do mundo civilizado. Maizan não é apenas um igual para os heróis. É alguém que sentiu na pele a fúria das populações negras. Embrenhar-se rumo ao desconhecido, já é, por si só, um ato de coragem. Trata-se aqui de um jovem que desafia suas probabilidades de sucesso, dirigindo-se sozinho à aldeia de Deje-la-Mhora. Junto a essa composição como o “jovem intrépido”, a imagem da cerimônia de sua execução – com toques absolutamente sádicos –, traz agregado um apelo para que esse tipo de situação seja remediada. A cena é persuasiva e eficiente. O assassinato se configura como um importante pretexto para uma antipropaganda e a necessidade de interferências externas.

Esse modo de retratar a África, independente das intenções do autor, serve diretamente a objetivos específicos do colonialismo. As representações são, pois, de suma importância nas relações de poder e, a própria longevidade do imperialismo, prática ainda vigente em falas e políticas ocidentais – mais ou menos velado ou mais ou menos explícitas –, não reside necessariamente no domínio formal, militar, mas, em um âmbito cultural mais abrangente, como em práticas ideológicas, econômicas e sociais (SAID, 2011).

Esclarecida tal questão, nos empenharemos daqui em diante, em expor como Verne cria para si e para seus pares uma identidade superior, ao passo que, para os africanos sobram apenas apreciações contrárias.

Figura 1 – Itinerário do *Vitória* – Ilustração de Riou e Montaut – Edição original



Fonte: VERNE, Jules. *Cinq semaines en ballon*. Paris: Librairie Générale Française, 2000.

À essa altura reforçamos que, no que concerne ao sentimento de não estrangeirismo dos membros de um corpo social, este é sempre tributário de uma deturpação conceitual sobre o que existe além dos muros de sua comunidade. Isto é:

As fronteiras geográficas acompanham as sociais, étnicas e culturais de maneiras previsíveis. Mas o modo como alguém se sente não estrangeiro com frequência se baseia numa ideia muito pouco rigorosa do que existe “lá fora”, para além do território conhecido. Todos os tipos de suposições, associações e ficções parecem amontoar-se no espaço não familiar fora do nosso (SAID, 2007, p. 91).

É fato, portanto, que nenhuma identidade existe isoladamente, “sem um leque de opostos, oposições e negativas” (SAID, 2011). No caso dos impérios eurásianos, todavia, um nacionalismo agressivo infiltra-se no sistema educacional – já mencionamos no capítulo anterior, que embora Verne não seja exatamente um

educador oficial, seus textos possuem declarado papel didático – e, desde cedo, incute na população, um chauvinismo xenofóbico, indutor de posturas de veneração e deferência para com as instituições nacionais.

No entender de Philip Curtin (2010), historiador estadunidense especialista em assuntos da África, existe no dezenove por parte dos Estados-nação, alguns recém constituídos, como é o caso de Itália e da Alemanha, países unificados em 1861 e 1871, nesta ordem, uma tendência a estimular as diferenciações nacionais. Não é por acaso que o principal traço identitário que Verne confere aos seus heróis é a nacionalidade. Essas diferenciações seguem quase como regra, padrões caricaturais: o americano empreendedor, o inglês metódico, o espanhol festivo, o francês passional etc. Além desse arquétipo, boa parte dos personagens possuem pouca profundidade psicológica. O que justifica essa aparente deficiência, é que os heróis da literatura verniana, são geralmente agentes de ideias ou símbolos (SALABERT, 1974).

Destarte, no que toca àquela identificação mais genérica dita “ocidentalidade” – há, evidentemente, diferenças substanciais no “se perceber”, português ou russo, francês ou grego, por exemplo, mas é igualmente certo, que há entre estes mesmos países incontáveis denominadores comuns que possibilitam tal abstração – as sociedades africanas exercem perfeita função contrastiva. Consideremos, a seguir, alguns exemplos.

De todas as anomalias, na percepção ocidental, que caracterizam e diferenciam a África Subsaariana, a existência da prática do canibalismo é certamente a aberração suprema. No capítulo *XIX* da aventura de Verne, após haverem identificado com sucesso as nascentes do Nilo, conduzidos pela vontade dos ventos, os heróis são arrastados para uma região completamente inexplorada. Nisso, numa passagem que apesar de longa aqui plenamente se justifica, Fergusson instrui seus amigos sobre o que possivelmente os aguardava a partir dali:

— Essas tribos espalhadas são agrupadas sob a denominação geral de nyam-nyam, e este nome é apenas uma onomatopeia; ele reproduz o barulho da mastigação.

— Perfeito – disse Joe –, nyam! nyam!

— Meu caro Joe, se você fosse a causa imediata desta onomatopeia, você não acharia isso perfeito.

— O que o senhor que dizer com isso?

— Que esses povos são considerados antropófagos.

— E isso é verdade?

— É verdade; dizia-se também que esses indígenas tinham um rabo, como os quadrúpedes, mas logo percebeu-se que esse apêndice pertencia às peles de animais com as quais eles se vestem.

— Que pena! Um rabo é ótimo para espantar os mosquitos.

— É bem possível, Joe; mas é preciso relegar isso ao mundo das fábulas, do mesmo modo que as cabeças de cachorro atribuídas a certos povos pelo viajante Brun-Rollet.

— Cabeças de cachorro? Cômodo para latir e mesmo para ser antropófago!

— Mas infelizmente ficou confirmada a ferocidade desses povos, ávidos de carne humana, que eles procuram com paixão.

— Só pelo que eles não se apaixonem demais por mim.

— O que é isso! – disse o caçador.

— É isso mesmo, sr. Dick. Se eu tiver de ser comido numa situação de fome, prefiro que seja em seu proveito, ou no do meu patrão! Mas alimentar esses negros, de jeito nenhum! Morreria de vergonha! (VERNE, 1998, p. 132)³⁶.

Antes de mais nada, sabe-se que a existência do canibalismo em alguns locais específicos da África não é de todo modo, um mito. Como também tal prática ocorreu entre tribos americanas e mesmo entre os Cruzados, como faz questão de lembrar Said (2011)³⁷. Ademais, referências a tais práticas, seja como fato verificado ou como fabricação, sempre existiram em distintos períodos e sociedades. E a própria Europa, não tem “ficha limpa” nesse sentido.

³⁶ Ces tribus éparses sont comprises sous la dénomination générale de Nyam-Nyam, et ce nom n'est autre chose qu'une onomatopée ; il reproduit le bruit de la mastication.

— Parfait, dit Joe; nyam! nyam!

— Mon brave Joe, si tu étais la cause immédiate de cette onomatopée, tu ne trouverais pas cela parfait.

— Que voulez-vous dire?

— Que ces peuplades sont considérées comme anthropophages.

— Cela est-il certain?

— Très certain; on avait aussi prétendu que ces indigènes étaient pourvus d'une queue comme de simples quadrupèdes; mais on a bientôt reconnu que cet appendice appartenait aux peaux de bête dont ils sont revêtus.

— Tant pis! une queue est fort agréable pour chasser les moustiques.

— C'est possible, Joe; mais il faut reléguer cela au rang des fables, tout comme les têtes de chiens que le voyageur Brun-Rollet attribuait à certaines peuplades.

— Des têtes de chiens? Commode pour aboyer et même pour être anthropophage!

— Ce qui est malheureusement avéré, c'est la férocité de ces peuples, très avides de la chair humaine qu'ils recherchent avec passion.

— Je demande, dit Joe, qu'ils ne se passionnent pas trop pour mon individu.

— Voyez-vous cela! dit le chasseur.

— C'est ainsi, Monsieur Dick. Si jamais je dois être mangé dans un moment de disette, je veux que ce soit à votre profit et à celui de mon maître! Mais nourrir ces moricauds, fi donc! j'en mourrais de honte!

³⁷ Esse é um fato um tanto obscuro e pouco comentado sobre as Guerras Santas. O episódio, motivado por uma onda de fome, ocorreu em 1098 contra os sarracenos da cidade de Maarate Anumane, na atual Síria. Tal evento deixou profundas sequelas no imaginário muçulmano e estima-se que mais de 20.000 civis foram massacrados pelos cristãos.

Talvez como tentativa de amenizar o impacto que a dieta humana exerce em uma “sensibilidade ocidental”, Verne dá um certo trato humorístico ao tema. Além de que, conquanto Fergusson desmantele fabulações antigas sobre o hibridismo “homem quadrúpede”, vinculada por viajantes precedentes, vê-se, que a fama de perversos desses nativos sobrevive intacta à desmistificação de sua constituição física.

Até este ponto da viagem, com um desvio ou outro, os viajantes só haviam feito, mais ou menos, o caminho de seus predecessores. Não é por acaso, que a pior parte do continente seja aquela que mais fornece ao autor liberdade de criação. É dentro de um espaço absolutamente obscuro – existe apenas uma vaga teoria assentada na fértil e pouco confiável imaginação árabe, de que a África Central era constituída por um enorme lago – que os heróis encontram, afinal, os famigerados comedores de gente. Também, esse interior é preenchido com uma extraordinária mina de ouro³⁸ e o já citado deserto.

Momentos após Fergusson preparar os espíritos de seus companheiros, os heróis constatarem da maneira mais desagradável, a veracidade daquelas histórias. Logo a paisagem se modifica de uma floresta, para um conjunto rústico de habitações. Durante uma aula do doutor sobre a grandeza das selvas africanas e das do Novo Mundo, sendo as da América, segundo ele, mais imponentes, algumas das quais possuíam seguramente árvores com mais de 4 mil anos, Joe visualiza no centro da comunidade, uma árvore que lhe desperta o interesse:

— Nossa! Se são essas as flores que aquela árvore produz há quatro mil anos, não vejo a menor graça!

E ele mostrava um sicômoro gigantesco, cujo tronco desaparecia completamente sob uma montanha de ossos humanos. As flores de que Joe falava eram cabeças recentemente cortadas, suspensas pelos punhais fixados na casca.

— A árvore de guerra dos canibais! – disse o doutor. – Os índios tiram o couro da cabeça, e os africanos, a cabeça inteira.

— Questão de moda, – disse Joe.

Mas a aldeia com as cabeças ensanguentadas já desaparecia no horizonte; outra mais adiante oferecia um espetáculo não menos repugnante; cadáveres meio devorados, esqueletos caídos na poeira,

³⁸ No interior da narrativa, a jazida serve de sepulcro – aliás, esse é o único túmulo possível para alguém que se sacrificou por esse continente – a um missionário que os heróis viriam a resgatar. Verne pressupõe a existência de uma imensa mina de ouro no interior da África no momento em que esse mineral ainda não havia sido encontrado em grandes proporções. A descoberta de metais de valor significou um novo olhar sobre o continente. Foi a partir das descobertas do diamante em Transvaal em 1867, do ouro no Rand em 1881 e do cobre na Rodésia que a África se torna efetivamente a menina dos olhos do Imperialismo (BRUNSCHWIG, 2006).

membros humanos espalhados aqui e ali eram deixados como pastagem para hienas e chacais.

— Certamente, são os corpos dos criminosos; assim como se faz na Abissínia, aqui eles são expostos aos animais selvagens, que acabam de devorá-los à vontade, depois de tê-los estrangulado com uma dentada.

Não é muito mais cruel que a forca – disse o escocês. – É mais sujo, só isso (VERNE, 1998, p. 136)³⁹.

Nem a espécie de alívio cômico novamente presente no comentário de Joe sobre as flores da “árvore da guerra dos canibais”, nem a tentativa de Dick de relativizar a atitude dos negros, comparada à aplicada aos criminosos no ocidente civilizado – curiosamente, na França, a guilhotina seria utilizada como pena de morte até 1977 – servem para mitigar a repugnância e a vontade de intervenção de que o episódio incita nos aventureiros.

Identifica-se aqui de maneira clara, àquela tendência de despersonalização que Memmi entende por *marca plural*. O teórico instruiu que o colonizado jamais é caracterizado de uma maneira diferencial. Ele só tem direito ao afogamento no coletivo anônimo (“Eles são isto... Eles são todos iguais”) (MEMMI, 2007, p. 213).

Mesmo que Verne dê certa atenção sempre que possível à classificação e diferenciação de alguns povos – se os canibais “nyam-nyam” de fato são factuais, certamente não se autodefinem por essa onomatopeia pejorativa atribuída pelo observador externo – a variação entre os africanos é pouco detalhada. Isto é, quase todas as particularidades autóctones convergem e dissolvem em uma única identificação geral: “o africano”, “o negro”, “o nativo”. “Os índios tiram o couro da cabeça, e os africanos, a cabeça inteira” (VERNE, 1998, p. 136)⁴⁰, e assim sucessivamente.

³⁹ — Eh bien! s’il y a quatre mille ans que celui-là produit de pareilles fleurs, je ne lui en fais pas mon compliment.»

Et il montrait un sycomore gigantesque dont le tronc disparaissait en entier sous un amas d’ossements humains. Les fleurs dont parlait Joe étaient des têtes fraîchement coupées, suspendues à des poignards fixés dans l’écorce.

— L’arbre de guerre des cannibales ! dit le docteur. Les Indiens enlèvent la peau du crâne, les Africains la tête entière.

— Affaire de mode, » dit Joe.

Mais déjà le village aux têtes sanglantes disparaissait à l’horizon; un autre plus loin offrait un spectacle non moins repoussant ; des cadavres à demi dévorés, des squelettes tombant en poussière, des membres humains épars çà et là, étaient laissés en pâture aux hyènes et aux chacals.

— Ce sont sans doute les corps des criminels; ainsi que cela se pratique dans l’Abyssinie, on les expose aux bêtes féroces, qui achèvent de les dévorer à leur aise, après les avoir étranglés d’un coup de dent.

— Ce n’est pas beaucoup plus cruel que la potence, dit l’Écossais. C’est plus sale, voilà tout.

⁴⁰ Les Indiens enlèvent la peau du crâne, les Africains la tête entière.

Em sequência ininterrupta de carnificina, os heróis são empurrados a uma cena de batalha. A guerra, para os anfitriões, aparece agora como uma vocação:

Duas tribos em luta batiam-se com violência e faziam voar nuvens de flechas pelos ares. Os combatentes, na ânsia de se matarem, não percebiam a chegada do *Vitória*; eram aproximadamente trezentos, chocando-se numa confusão incrível; a maioria, coberta de vermelho de tanto rolar no sangue dos feridos, formava um quadro pavoroso de contemplar.

Quando o aeróstato apareceu, houve um momento de imobilidade; gritos duplicaram; algumas flechas foram lançadas em direção à cesta e uma delas passou suficientemente próxima para que Joe a segurasse com a mão.

— Vamos subir fora do alcance deles! – gritou o dr. Fergusson. – Nada de imprudência! Não temos esse direito.

O massacre continuava dos dois lados, com golpes de machados e de azagaias; assim que um inimigo caía ao chão, seu adversário apressava-se em cortar-lhe a cabeça; as mulheres, misturadas à confusão, recolhiam as cabeças ensanguentadas e as empilhavam nas extremidades do campo de batalha; muitas vezes, elas se batiam para conquistas aquele horrível troféu (VERNE, 1998, pp. 137-138)⁴¹.

Se não é o bastante, a cena se conclui com o chefe de um dos grupos em conflito banquetecendo-se com um braço de um inimigo que fora decepado durante a luta.

Imagens como essas, confinadas nos territórios distantes, que naturalizam o ardor negro pela carne humana, “que eles procuram com paixão”, e pela guerra, nos aproximam mais uma vez de Memmi (2007, p. 122). Este, endossando as falas de Said sobre as disposições do pensamento ocidental que atribuem características condenáveis aos habitantes dos espaços alienígenas, adverte que o colonizado, seja qual for o contexto, “jamais é considerado positivamente; se o é, a qualidade concedida está ligada a uma falta psicológica ou ética”.

⁴¹Deux peuplades aux prises se battaient avec acharnement et faisaient voler des nuées de flèches dans les airs. Les combattants, avides de s’entre-tuer, ne s’apercevaient pas de l’arrivée du *Victoria*; ils étaient environ trois cents, se choquant dans une inextricable mêlée; la plupart d’entre eux, rouges du sang des blessés dans lequel ils se vautraient, formaient un ensemble hideux à voir.

À l’apparition de l’aérostat, il y eut un temps d’arrêt ; les hurlements redoublèrent; quelques flèches furent lancées vers la nacelle, et l’une d’elles assez près pour que Joe l’arrêtât de la main.

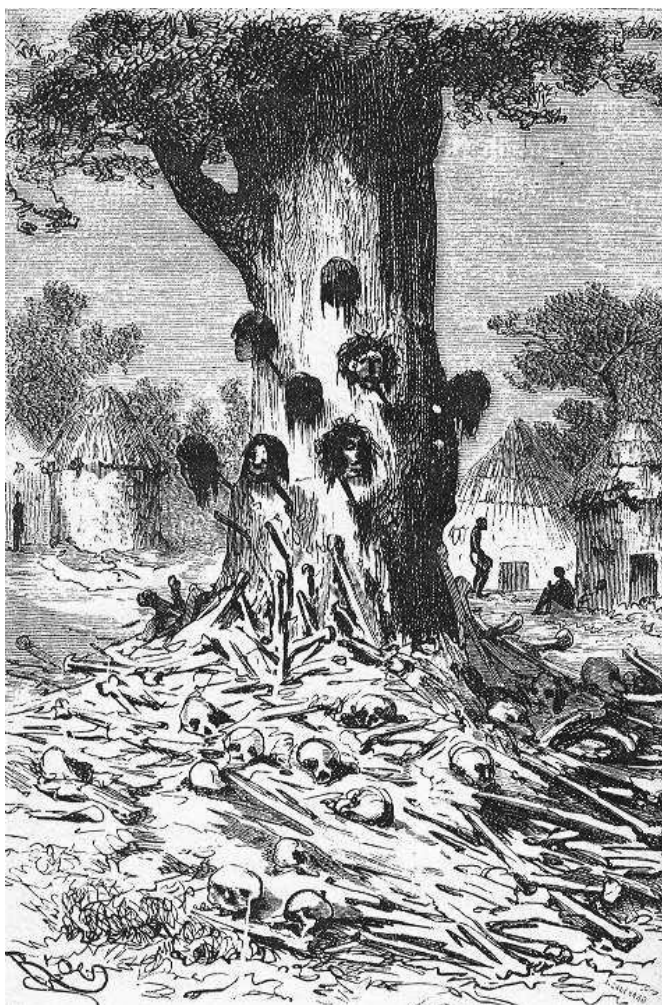
«Montons hors de leur portée! s’écria le docteur Fergusson! Pas d’imprudence! cela ne nous est pas permis»

Le massacre continuait de part et d’autre, à coups de haches et de sagaies; dès qu’un ennemi gisait sur le sol, son adversaire se hâtait de lui couper la tête; les femmes, mêlées à cette cohue, ramassaient les têtes sanglantes et les empilaient à chaque extrémité du champ de bataille; souvent elles se battaient pour conquérir ce hideux trophée.

Nos dois últimos fragmentos supracitados, temos essa representação ampliada a níveis máximos. Se tratando da psicologia dos indígenas vernianos, só há, em síntese, desvios. A prática do canibalismo, por exemplo, tem um fim em si mesmo. Verne a desvincula totalmente de seu significado místico e religioso. Na verdade, não há sequer a preocupação em diferenciar o ato antropofágico como ritual social e coletivo, e o canibalismo, prática de mitigar a fome em situações extremas. Ambas as noções são utilizadas indiscriminadamente. Os canibais de *Cinco semanas num balão* – que dificilmente devem passar fome –, parecem não conhecer outra dieta senão a humana.

Acrescente-se a isso, como falta psicológica, o tratamento dado aos cadáveres. Os corpos que jazem sem vida, sejam eles dos criminosos ou inimigos, são acessórios na paisagem. Com efeito, exercem funções de adorno.

Figura 2 – A árvore dos canibais – Ilustração de Riou e Montaut – Edição original



Fonte: VERNE, Jules. *Cinq semaines en ballon*. Paris: Librairie Générale Française, 2000.

Há que se comentar igualmente, que a crença na elevação do homem Ocidental – refletida nas formas distorcidas de representação e cujos exemplos aqui mostrados são seus extremos – não poupava nem mesmo os colonos brancos estabelecidos no além-mar. Povoadores fixados na América, e, no caso inglês, colonos australianos isolados no Índico, na hierarquia das raças, embora desfrutassem da autoridade sobre os autóctones, ainda assim eram vistos como uma versão degenerada de seus antepassados eurásianos. O que não altera, que esteja claro, é superioridade que todo e qualquer branco desfruta frente aos de cor:

A sensação de superioridade que uniu os brancos ocidentais – ricos, classe média e pobres – não se deveu apenas ao fato de todos eles desfrutarem de privilégios de governante, sobretudo quando efetivamente estavam nas colônias. Em Dacar ou Mombaça, o mais modesto funcionário era um amo e era aceito como gentleman por pessoas que nem teriam notado sua existência em Paris ou Londres; o operário branco era um comandante de negros (HOBSBAWM, 1988b, p. 107).

Essa questão levantada por Hobsbawm não deixa de ser oportuna para pensarmos a construção do empregado Joe. Este, em todas as circunstâncias, em oposição aos nativos, se sobressai como o mais aristocrático dos homens. Distingue-se que Joe, embora querido e respeitado por seu patrão e por Dick, durante boa parte da narrativa explicitamente ocupa uma posição que se pode considerar marginalizada em meio a seus compatriotas. Isto quer dizer que, na presença do caçador e Fergusson, Joe definitivamente não é comparável a eles em termos de importância social.

No caso de Fergusson, em primeiro lugar, este se notabiliza por ser um bem-sucedido homem do saber que percorrerá o mundo e por ter sido, assim como seu pai, um militar do Império Britânico. Verne o descreve como um homem predestinado às descobertas, que, desde menino, demonstra uma personalidade marcada por um “espírito vivo, inteligência de pesquisador e propensão invulgar para os trabalhos científicos” (VERNE, p. 12)⁴², para não citarmos suas tendências políglotas e outras qualidades que são apresentadas como “naturais”. Dick, por seu lado, era, igualmente um ex-militar e um “escocês na verdadeira acepção da palavra, aberto, ousado e

⁴² [...] un esprit vif, une intelligence de chercheur, une propension remarquable vers les travaux scientifiques.

decidido” (VERNE, 1998, p. 20)⁴³, que travara amizade com o doutor quando ambos serviam juntos na Índia.

Embora seja delineado como um modelo ideal de serviçal doméstico, devotado, responsável e bem-humorado, que pouco faz de objeções às decisões de seu mestre, o desenho de Joe carece, principalmente, de um passado ou outro elemento que indique qualquer relevância sua em nível coletivo. As apreciações positivas do doutor e do caçador, vão se ampliando no decorrer da viagem, em função, exatamente, das seguidas provas de coragem e lealdade do jovem. O êxito da aventura deve, sem dúvida, às suas muitas intervenções providenciais.

Todavia, se colocarmos frente a frente, o criado e os africanos, mesmo os menos desfavoravelmente desenhados, veremos que o primeiro, só por sua ascendência, independentemente de seu *status* como britânico, já possui todos os atributos necessários para “comandar os negros”, aludindo aqui à fala de Hobsbawm.

Após as apresentações de Dick e Fergusson, no capítulo VI, é a sua vez:

Se Fergusson era a cabeça, e Kennedy, o braço, Joe devia ser a mão. Ele já tinha acompanhado seu patrão em várias viagens e possuía algumas noções de ciência adaptadas ao seu estilo; mas distinguia-se, principalmente, por uma filosofia tranquila, um otimismo irresistível; achava tudo fácil, lógico, natural e, sendo assim, desconhecia a necessidade de reclamar ou praguejar (VERNE, 1998, p. 39)⁴⁴.

Repare que Joe não exhibe nenhum predicado realmente proveitoso que o aproxime de um estado de grande herói, como o é Fergusson. O que pesa a seu favor é a sua experiência de campo junto às explorações de seu patrão e uma filosofia de vida, que antes se assemelha ao conteúdo de uma “cartilha de serviçal submisso” sempre pronto a responder “sim senhor, patrão”. Sobre o seu conhecimento científico “adaptado ao seu estilo”, este nos parece mais uma ironia do narrador.

Não obstante, o que interessa para nós é que esse criado “normal”, que a princípio não compartilha com seus patrões das mesmas atenções e glórias públicas em função da perigosa travessia que seria tentada, no corpo e corpo com os negros –

⁴³ Un Écossais dans toute l’acception du mot, ouvert, résolu, entêté.

⁴⁴ Si Fergusson était la tête et Kennedy le bras, Joe devait être la main. Il avait déjà accompagné son maître pendant plusieurs voyages, et possédait quelque teinture de science appropriée à sa façon ; mais il se distinguait surtout par une philosophie douce, un optimisme charmant; il trouvait tout facile, logique, naturel, et par conséquent il ignorait le besoin de se plaindre ou de maugréer.

sejam esses, a massa anônima que ameaça hora ou outra o aeróstato com suas flechas ineficazes, ou o indígena exerce algum papel de liderança em seus grupos – se sobressai em todas as qualidades. A assimetria de virtudes é abissal.

Naquela que talvez seja a situação mais cômica do romance, os heróis atingem a localidade de nome Kazeh, descrita como uma importante zona de comércio da África Central. Acreditando que se encontrariam em segurança entre aquela população que outrora já travara contato com o homem branco – portanto, pressupunha-se serem aqueles nativos menos arredios –, Fergusson decide tentar estabelecer comunicação. Nesse intervalo, os heróis são prontamente tomados por filhos da lua e a o balão, por esse próprio astro. Fergusson escolhe não desfazer a confusão e é convocado a interceder pela saúde do rei local, que há muito encontrava-se doente.

Podemos, a partir do retrato desse líder africano, demonstrar melhor o desequilíbrio entre o serviçal e os indígenas. Aqui está o monarca negro:

O dr. Fergusson, depois de ter lançado um rápido olhar em todo esse conjunto, avançou até a cama de madeira do soberano. Ele viu um homem de uns quarenta anos, completamente exaurido por orgias de todo o tipo, por quem não havia nada a fazer. Sua doença se prolongava há anos, era apenas uma embriaguez permanente. Aquele bêbado real tinha praticamente perdido os sentidos e nem todo o amoníaco do mundo seria capaz de levantá-lo (VERNE, 1998, pp. 98-99)⁴⁵.

Hobsbawm (1988b) reitera, que independentemente dos objetivos desses “lampejos” do mundo bárbaro – na descrição do rei acima a ideia mais direta é “o africano não tem capacidade para o autogoverno” – consumidos no Ocidente, esses não tinham, jamais, função de documentário, e sim, confirmam um sentimento de elevação.

Destarte, vale aqui, uma analogia entre as literaturas de molde verniano e as chamadas “exposições coloniais”, uma forma de atração que se popularizou no ocidente em cima desse “exótico” e na vaidade de serem superiores aos demais, não privilegiados pelo berço; e pela cultura. Estamos tratando de um momento em que o índice de analfabetismo é considerável –, o europeu de diversas classes, tinha a

⁴⁵ Le docteur Fergusson, après avoir embrassé tout cet ensemble d'un coup d'œil, s'avance jusqu'au lit de bois du souverain. Il vit là un homme d'une quarantaine d'années, parfaitement abruti par les orgies de toutes sortes et dont il n'y avait rien à faire. Cette maladie, qui se prolongeait depuis des années, n'était qu'une ivresse perpétuelle. Ce royal ivrogne avait à peu près perdu connaissance, et tout l'ammoniaque du monde ne l'aurait pas remis sur pied.

possibilidade de vislumbrar a olho nu e a cores, fragmentos palpáveis do universo primitivo. Essas exposições, verdadeiros circos cujos mundos distantes sob domínio eram as atrações principais, foram imensamente populares na segunda metade do século dezanove até à Segunda Grande Guerra.

Hobsbawm (1988b) resgata para nós o significado desse *show business* de excentricidades:

Os jubileus, funerais e coroações reais britânicos eram ainda mais impressionantes porque, como os antigos triunfos romanos, exibiam marajás submissos como vestimentas preciosas – livremente leais e não cativos. As paradas militares tornavam-se ainda mais coloridas por incluir sikhs enturbantados, rajputs bigodudos, gurkas sorridentes e implacáveis, cavalarianos argelinos e altos senegaleses negros: o mundo que era considerado como barbárie a serviço da civilização (HOBSBAWM, 1988b, p. 107).

Embora boa parte dos africanos de *Cinco semanas num balão* ainda não esteja “domesticada”, no sentido de que parte relevante do interior da África à época de publicação do romance não pertencia formalmente às potências, as representações vernianas, carregam consigo, funções similares às das exposições: são uma importante vitrine na qual o branco aprecia e se orgulha de sua supremacia.

3.2. Caminhos cruzados: a visão da fé

Já foi pincelado em outras ocasiões, que África abaixo do Saara não é somente por ser habitada por populações negras, pagãs, primitivas, cujo modo de vida avizinhar-se ao do homem pré-histórico, que tem o seu destino definido. Neste aspecto a fé também se apresenta como parâmetro de valor. Os que estariam além e aquém da salvação. E qual seria o papel messiânico do europeu?

Uma vez comentada a crueldade da qual tais seres bestiais eram capazes, um caso interessante se resume na apreciação que Verne faz da religião islâmica via personagens. Assim, os negros islamizados ou os árabes do romance, igualmente indispensáveis no procedimento de delimitação das fronteiras “barbárie e civilização, não são poupados.

No capítulo XXX, após superado mais da metade de seu percurso, Fergusson e seus companheiros, motivados pela curiosidade, decidem observar mais de perto os

indígenas da cidade de Mosfeia. Ao avistarem o estranho objeto que flutuava acima de suas cabeças, alguns habitantes fogem amedrontados:

Só o xequê não se abalou; pegou seu comprido mosquete, carregou-o e esperou com altivez; O doutor chegou a apenas 150 pés perto dele e, em alto e bom som, dirigiu-lhe um cumprimento em árabe.

Mas, ao ouvir aquelas palavras vindas do céu, o xequê desceu do cavalo, prosternou-se na poeira do caminho, e o doutor não conseguiu distraí-lo de sua adoração.

É impossível – disse ele – fazer com que essa gente não pense que somos seres sobrenaturais, já que quando os primeiros europeus chegaram aqui, eles acreditaram que se tratava de uma raça sobre-humana. E quando esse xequê falar desse encontro, certamente vai aumentar o acontecimento com todos os recursos de uma imaginação árabe. Assim, vocês podem ter uma ideia do que as lendas vão fazer de nós um dia.

— O que talvez seja lamentável – respondeu o caçador –; do ponto de vista da civilização, seria preferível que nos tomassem por simples homens; isso daria a esses negros uma ideia bem diferente do poder europeu.

— Estou de acordo, meu caro Dick; mas o que podemos fazer? Você pode explicar durante horas aos sábios desta região o mecanismo do aeróstato, mas eles não vão conseguir entender e continuarão acreditando numa intervenção sobrenatural (VERNE, 1998, p. 203)⁴⁶.

Primeiramente, é necessário destacar que Verne ao longo da narrativa não se preocupa, em momento algum, em conceituar e distinguir com precisão o “árabe” do “islâmico” e parece tomar, propositalmente, ambos por sinônimos. O Árabe – cujo significado é étnico e não religioso – não é necessariamente muçulmano e vice-versa. De todo o modo, sabe-se que no princípio orientalista, generalizações das mais absurdas adquirem sentido verdadeiro. Um único atributo da psicologia oriental, seja ele real ou imaginário, pode ser aplicado, com pouca ou nenhuma margem de erro, a

⁴⁶ Seul, le cheik ne bougea pas; il prit son long mousquet, l’arma et attendit fièrement. Le docteur s’approcha à cent cinquante pieds à peine, et, de sa plus belle voix, il lui adressa le salut en arabe.

Mais, à ces paroles descendues du ciel, le cheik mit pied à terre, se prosterna sur la poussière du chemin, et le docteur ne put le distraire de son adoration.

«Il est impossible, dit-il, que ces gens-là ne nous prennent pas pour des êtres surnaturels, puisque, à l’arrivée des premiers Européens parmi eux, ils les crurent d’une race surhumaine. Et quand ce cheik parlera de cette rencontre, il ne manquera pas d’amplifier le fait avec toutes les ressources d’une imagination arabe. Jugez donc un peu de ce que les légendes feront de nous quelque jour.

— Ce sera peut-être fâcheux, répondit le chasseur; au point de vue de la civilisation, il vaudrait mieux passer pour de simples hommes; cela donnerait à ces nègres une bien autre idée de la puissance européenne.

— D’accord, mon cher Dick; mais que pouvons-nous y faire? Tu expliquerais longuement aux savants du pays le mécanisme d’un aérostat, qu’ils ne sauraient te comprendre, et admettraient toujours là une intervention surnaturelle.

todos os outros orientais, podendo estar, esses, próximos ou distantes no tempo ou espaço físico.

Testemunhamos que Fergusson na passagem supracitada, no núcleo da África, em meio a uma comunidade que se encontra de certo modo isolada, alude novamente à existência de uma suposta “imaginação árabe”, que na situação do romance, se manifesta na credulidade daquele povo que ingenuamente toma os protagonistas por seres sobre-humanos dignos de veneração.

Estudando essa suposta psicologia geral, Said (2007) nos disponibiliza as ferramentas necessárias para esmiuçarmos essa questão. Ao comentar a obra orientalista não literária *Modern Egypt*, publicada em 1908 pelo estadista e administrador colonial Lord Cromer (1841-1917), Said aponta em detalhes como é pensado o funcionamento da mente árabe na perspectiva de um membro da máquina colonial britânica. O teórico expõe, que de forma categórica, Cromer afirma que o europeu é por nascimento, um raciocinador nato e amante da lógica, só aceitando algo como verdade, a partir de provas irrefutáveis.

De modo inverso, a mente do árabe, para Cromer, seria totalmente carente de simetria. Ao contrário dos antigos árabes, estes sim merecedores de algum elogio – o esplendor dessa cultura é geralmente circunscrito entre os séculos VIII e XIII de nossa era –, seus descendentes encontram sérias dificuldades para lidar com as questões mais elementares do pensamento. Em conclusão, o árabe seria uma espécie de antítese do europeu, em especial, do europeu anglo-saxão. Desta feita, uns são predestinados a comandarem, outros, a obedecerem. Said abrevia outras das opiniões do estadista em alguns poucos adjetivos: os árabes são “crédulos”, “aduladores”, “astutos”, “maldosos com os animais”, “mentirosos”, “letárgicos” e “desconfiados”. Todas essas qualidades foram comprovadas empiricamente, pois Cromer conviveu e governou esse povo durante significativo período.

Assim sendo, verificamos que esse povo, em Verne, guardadas as devidas proporções, em nada devem aos do político britânico.

Noutro momento da história, enquanto sobrevoavam a cidade de Kernak, impedidos de continuar a jornada em função de uma repentina calmaria nas correntes de ar, os heróis notam, que à medida em que parte dos habitantes fugia tomada por um

súbito medo, outra parte se reunia para afugentar aquele inimigo inesperado. Joe, então, agita seu lenço no intuito de desenvolver um diálogo:

No entanto, o xeque, acompanhado por sua corte, pediu silêncio e pronunciou um discurso que o doutor não conseguiu entender; era árabe misturado com baghirmi; ele só reconheceu, na língua universal dos gestos, um apelo expresso para que fossem embora; era tudo o que ele queria, mas, por falta de vento, era impossível. Sua imobilidade exasperou o governador, e seus cortesãos começaram a gritar para obrigar o mostro a fugir.

Esses cortesãos eram estranhos personagens, com suas cinco ou seis capas coloridas sobre o corpo; tinham barrigas enormes, algumas das quais pareciam postiças. O doutor deixou seus companheiros admirados ao contar-lhes que era a maneira de eles fazerem a corte ao sultão. A grossura do abdome indicava a ambição das pessoas. Aqueles homens gordos gesticulavam e gritavam, principalmente um deles, que devia ser o primeiro ministro, se as dimensões da sua barriga já tivessem sido recompensadas (VERNE, 1998, p. 207)⁴⁷.

Aqui, além daquela habitual resistência que acompanha a jornada, que desta vez toma o balão por um monstro, o “exagero árabe” se destaca como característica constitutiva da personalidade desse povo. A ênfase no colorido pomposo e no *status* atribuído aos cortesãos em função de seus abdomens avantajados granjeia um interessante efeito contrastivo. Ora, a austeridade, traço que se julga essencial na psicologia do homem ocidental, só é realçada em função de um certo excesso risível que apenas o bárbaro pode proporcionar.

Não obstante, junto a essa cômica delineação, Verne representa o árabe, de modo a produzir um eficiente efeito de complementaridade entre homem e *habitat*. Temos um exemplo disso na situação que se segue.

Impossibilitados de controlarem o aeróstato, Dick e Fergusson, aflitos e a esmo, procuravam Joe que, momentos antes, havia atirando-se ao lago Chade. Essa atitude de sacrifício voluntário pelos padrões, ocorre em uma ocasião de queda do balão. Nessa

⁴⁷ Cependant le cheik, entouré de sa cour, réclama le silence et prononça un discours auquel le docteur ne put rien comprendre; de l'arabe mêlé de baghirmi; seulement il reconnut, à la langue universelle des gestes, une invitation expresse de s'en aller; il n'eut pas mieux demandé, mais, faute de vent, cela devenait impossible. Son immobilité exaspéra le gouverneur, et ses courtisans se prirent à hurler pour obliger le monstre à s'enfuir.

C'étaient de singuliers personnages que ces courtisans, avec leurs cinq ou six chemises bariolées sur le corps; ils avaient des ventres énormes, dont quelques-uns semblaient postiches. Le docteur étonna ses compagnons en leur apprenant que c'était la manière de faire sa cour au sultan. La rotondité de l'abdomen indiquait l'ambition des gens. Ces gros hommes gesticulaient et criaient, un d'entre eux surtout, qui devait être premier ministre, si son ampleur trouvait ici-bas sa récompense.

busca praticamente impossível, as correntes atmosféricas, frustrando quaisquer esperanças de êxito, acabam por lançar os dois heróis à uma tempestade que se desenrolava a toda fúria em pleno deserto saariano. Nisso, caçador e cientista enxergam:

Envolta naquele turbilhão, desmantelada, destruída, revirada, uma caravana inteira desaparecia sob a avalanche de areia; os camelos, uns sobre os outros, soltavam gemidos surdos e lamentáveis; gritos, urros, saíam daquela nuvem sufocante. Às vezes, sobressaía uma roupa colorida, tingindo com seus tons vivos aquele caos, e o rugido da tempestade dominava a cena de destruição (VERNE, 1998, p. 229)⁴⁸.

Tal cena nos transmite, que a desordem da mente árabe, refletido em seu modo de vida, pode ser lida como extensão – ou reflexo – de uma natureza igualmente caótica, imprevisível e assassina.

Em perfeita sintonia com os governados de Cromer, na próxima citação, o cerne da representação não é em si, exatamente, os traços antilógicos ou jocosos do “ser árabe”, mas sim, a instintiva e famigerada violência que define esse povo. Seguindo a mesma fórmula de sempre, narrando os azares de seus predecessores, Fergusson reproduz com poucas variações nos fatos, a mesma essência que caracteriza todos os árabes. Respondendo a Joe quem foram os primeiros brancos que haviam explorado aquela região, o doutor diz:

— Meu caro rapaz, estamos precisamente na rota do major Denham; foi aqui mesmo, em Mosfeia, que ele foi recebido pelo sultão do Mandara; ele tinha deixado o Bornu, acompanhava o xeque numa expedição contra os *fellatahs*, e assistiu ao ataque à cidade, que resistiu bravamente às balas árabes com suas flechas, e pôs para correr as tropas do xeque; tudo isso era apenas um pretexto para assassinatos, pilhagens, vandalismos; o major foi completamente despojado, deixado nu e, se não tivesse escorregado para debaixo da barriga de um cavalo, que lhe permitiu fugir dos vencedores graças ao seu galope desenfreado, ele nunca teria conseguido voltar para Kouka, a capital do Bornu (VERNE, 1998, p. 204)⁴⁹.

⁴⁸ Au milieu du tourbillon, brisée, rompue, renversée, une caravane entière disparaissait sous l’avalanche de sable; les chameaux pêle-mêle poussaient des gémissements sourds et lamentables; des cris, des hurlements sortaient de ce brouillard étouffant. Quelquefois, un vêtement bariolé tranchait avec ces couleurs vives dans ce chaos, et le mugissement de la tempête dominait cette scène de destruction.

⁴⁹ — Mon cher garçon, nous sommes précisément sur la route du major Denham; c’est à Mosfeia même qu’il fut reçu par le sultan du Mandara; il avait quitté le Bornou, il accompagnait le cheik dans une expédition contre les Fellatahs, il assista à l’attaque de la ville, qui résista bravement avec ses flèches aux balles arabes et mit en fuite les troupes du cheik; tout cela n’était que prétexte à meurtres, à pillages, à razzias; le major fut complètement dépouillé, mis à nu, et sans un cheval sous le ventre duquel il se

Nesta mesma toada, a seu modo, mas sob o mesmo prisma que Cromer lê os seus egípcios, Fergusson teme parar em determinadas regiões do Senegal pelos seguintes motivos:

— O que elas escondem? Leões? Hienas? – disse Joe, com desdém.

— Pior do que isso, meu rapaz: homens, e dos mais cruéis de toda a África.

— Como é que o senhor sabe disso?

— Pelos viajantes que nos precederam; além disso, os franceses que colonizaram o Senegal, foram obrigados a entrar em contato com os povos da redondeza; no governo do coronel Faidherbe, foram feitas expedições de reconhecimento que avançaram bastante para dentro das terras; oficiais como os senhores Pascal, Vicent e Lambert trouxeram documentos precisos dessas viagens. Eles exploraram toda a região formada pelo cotovelo do rio Senegal, lá onde a guerra e a pilhagem só deixaram ruínas.

— Mas o que aconteceu?

— Escute. Em 1854, um marabu do *Fouta* senegalês, Al-Haji, dizendo-se inspirado como Maomé, incitou as tribos à guerra contra os infieis, ou seja, os europeus. Ele implantou a destruição e a desolação entre o rio Senegal e o seu afluente, o Falémé. Três hordas de fanáticos, guiados por ele, percorreram a região, pilhando e massacrando, e não deixaram nem uma aldeia nem uma cabana intocada; ele chegou a entrar no vale do Níger, até a cidade de Ségou, que foi ameaçada durante muito tempo [...]. Então, Al-Haji e seu bando atravessaram o rio Senegal e voltaram para o Kaarta, para continuar seus roubos e massacres; pois esse aqui é o lugar para onde ele fugiu e se refugiou com seu grupo de bandidos, e posso afirmar que não seria boa ideia cair em suas mãos (VERNE, 1998, pp. 269-270)⁵⁰.

glissa et qui lui permit de fuir les vainqueurs par son galop effréné, il ne fût jamais rentré dans Kouka, la capitale du Bornou.

⁵⁰ — Quoi ! des lions, des hyènes? fit Joe avec mépris.

— Mieux que cela, mon garçon, des hommes, et des plus cruels qui soient en Afrique.

— Comment le sait-on?

— Par les voyageurs qui nous ont précédés; puis les Français, qui occupent la colonie du Sénégal, ont eu forcément des rapports avec les peuplades environnantes; sous le gouvernement du colonel Faidherbe, des reconnaissances ont été poussées fort avant dans le pays; des officiers, tels que MM. Pascal, Vincent, Lambert, ont rapporté des documents précieux de leurs expéditions. Ils ont exploré ces contrées formées par le coude du Sénégal, là où la guerre et le pillage n'ont plus laissé que des ruines.

— Que s'est-il donc passé?

— Le voici. En 1854, un marabout du Fouta sénégalais, Al-Hadji, se disant inspiré comme Mahomet, poussa toutes les tribus à la guerre contre les infidèles, c'est-à-dire les Européens. Il porta la destruction et la désolation entre le fleuve Sénégal et son affluent la Falémé. Trois hordes de fanatiques guidées par lui sillonnèrent le pays de façon à n'épargner ni un village ni une hutte, pillant et massacrant; il s'avance même dans la vallée du Niger, jusqu'à la ville de Sego, qui fut longtemps menacée [...]. Al-Hadji et ses bandes repassèrent alors le Sénégal, et revinrent dans le Kaarta continuer leurs rapines et leurs massacres; or, voici les contrées dans lesquelles il s'est enfui et réfugié avec ses hordes de bandits, et je vous affirme qu'il ne ferait pas bon tomber entre ses mains.

Entrando no mérito especificamente religioso, Said (2007) explica que esse modo específico de mostrar islâmico – árabe e islâmico sempre se confundem, não é demais sublinhar – é de fácil datação. O terror ao Islã era antigo na Europa e havia motivos reais para tal. No século sexto, a hegemonia militar islâmica parecia ameaçar a unidade cristã. Após a morte de seu profeta e líder Maomé, até o século XIV, essa “fé essencialmente oriental”, se expandiu assustadoramente da China, passando pelo Norte da África, até a Península Ibérica. Assim, diante dessa ameaça real, a Europa só tinha condições de reagir com uma espécie de temor reverente e o medo. Foi desse modo, por conseguinte, que o islamismo se transformou em sinônimo de terror e devastação.

Isto posto, tais modelos de representação presentes em *Cinco semanas num balão*, e que apenas confirmam Said – no final das contas, só há no mundo ocidentais e árabes-orientais; “os primeiros são (em nenhuma ordem particular) racionais, pacíficos, liberais, lógicos, capazes de manter valores reais, sem suspeita natural; os últimos não são nada disso” (2007, p. 85) – não são criações originais da época de Verne, mas este o perpetua com competência.

Na contramão destas representações, Verne nos apresenta a sua versão do “ser cristão”. Atenemos para este outro lado da moeda.

No capítulo *XXI* Verne concebe uma situação que se assemelha em muitos pontos ao caso vivenciado pelo explorador Maizan. Em sua referência mais explícita à missão civilizadora, Verne constrói um personagem também francês, que, assim como o seu infeliz conterrâneo, se aventura sozinho em meio aos africanos. Esse personagem, merece de nós uma atenção mais especial, pois depõe nitidamente contra o romancista no que concerne à sua simpatia pela faceta pedagógica do colonialismo.

Após uma malograda tentativa de ataque noturno de um grupo de indígenas contra o *Vitória* – que permanecia ancorado no topo de uma árvore – temos a cena a seguir:

Mas, em meio aos berros, ouviu-se um grito estranho, inesperado, impossível! Uma voz humana tinha proferido claramente estas palavras em francês:

— Socorro! Socorro!

Kennedy e Joe, assustados, voltaram para a cesta o mais depressa possível.

— Vocês ouviram? – perguntou-lhes o doutor.

— Claro! Este grito sobrenatural: Socorro! Socorro!

— Um francês nas mãos desses bárbaros!
 — Um viajante!
 — Um missionário, talvez!
 — Coitado – exclamou o caçador –, vão matá-lo como um mártir!

O doutor tentava em vão disfarçar sua emoção.

— Não há dúvidas – disse ele. – Um pobre francês caiu nas mãos desses selvagens. Mas não partiremos sem antes ter feito de tudo o que for possível para salvá-lo. Com nossos tiros, ele deve ter sentido a possibilidade de uma salvação inesperada, de uma intervenção providencial. Não vamos frustrar essa última esperança (VERNE, 1998, p. 144)⁵¹.

É necessário frisar que quase em sua totalidade, os escritores do século XIX tinham consciência do que significava fazer parte de uma civilização hegemônica, com propósitos mais ou menos bem definidos e ideias consolidadas sobre o universo não ocidental (SAID, 2011). Assim sendo, percebe-se que Verne não nos parece nem um pouco preocupado em se assumir – pelo menos nesse momento inicial como romancista – como esse homem hegemônico. Nesse sentido, o processo de heroicização do missionário que levará a cabo, possui distinguíveis matizes de confissão.

A época imperialista foi a era “clássica de empenho missionário”, Hobsbawm (1988b) esclarece. O entusiasmo pela exploração do globo, além das motivações discutidas no capítulo segundo dessa pesquisa, se manifestou igualmente, em grande parte na expectativa de conversões maciças. O aumento do rebanho cristão nas terras bárbaras está em estreita relação com o triunfo do colonialismo. Embora seus nomes sejam menos lembrados – salvo o escocês David Livingstone⁵² – se comparados ao

⁵¹ Mais, au milieu des hurlements, il s’était produit un cri étrange, inattendu, impossible! Une voix humaine avait manifestement proféré ces mots en français:

«À moi! à moi!»

Kennedy et Joe, stupéfaits, regagnèrent la nacelle au plus vite.

Avez-vous entendu? leur dit le docteur.

— Sans doute! ce cri surnaturel: À moi! à moi!

— Un Français aux mains de ces barbares!

— Un voyageur!

— Un missionnaire, peut-être!

— Le malheureux, s’écria le chasseur? on l’assassine, on le martyrise!»

Le docteur cherchait vainement à déguiser son émotion.

«On ne peut en douter, dit-il. Un malheureux Français est tombé entre les mains de ces sauvages. Mais nous ne partirons pas sans avoir fait tout au monde pour le sauver. À nos coups de fusil, il aura reconnu un secours inespéré, une intervention providentielle. Nous ne mentirons pas à cette dernière espérance.

⁵² Uma das grandes alavancas publicitárias de *Cinco semanas num balão* foi a famosa expedição de resgate de Livingstone, dado como morto na selva africana, empreendida por Henry Stanley, jornalista do periódico americano *New York Herald*. O fôlego dessa história não deixa de ser peculiar. O encontro ocorrido entre Livingstone e Stanley em 1871 e narrado pelo jornalista em *How I found Livingstone*

dos exploradores, tais como Mungo-Park (1771-1806), Richard Burton (1821-1890) e John Speke (1827-1864), todos estes britânicos, os religiosos que difundiram o cristianismo ao redor do globo, prepararam de forma eficiente o terreno para o posterior e definitivo estabelecimento do branco.

Nessa cruzada moderna, várias foram as versões do cristianismo impostas aos autóctones por meio da conversão, exceto quando se tratava de povos islamizados, cuja cooptação era praticamente impossível, ou quando os governos coloniais oficialmente abdicavam desse projeto, fato ocorrido, a exemplo, na Índia britânica (HOBSBAWM, 1988b).

Retornando ao romance de Verne, no coração África, onde o europeu não deixara pegadas, as circunstâncias levam nossos heróis, a, de repente, se depararem com um idioma civilizado, ecoado através das trevas de uma floresta. O pedido de socorro proferido em francês causa forte comoção e fica determinado que o homem, certamente sob tortura, haveria de ser resgatado a qualquer preço. A conclusão sobre o pedido de ajuda, apesar de apressada, é certa. Não é difícil montar o quebra-cabeça; um pedido de assistência naquelas plagas, sem dúvidas significava um civilizado nos piores apuros.

Fergusson dá então, uma solução engenhosa ao salvamento. Para tomar o francês às mãos daquele povo, iluminar-se-ia a escuridão africana através da luz elétrica. O clarão artificial, seria produzido por uma “pilha de Bunzen”⁵³, mecanismo indispensável ao funcionamento do aeróstato. Em um jogo de luz e sombra, momentaneamente a claridade se sobressai à treva. Com isso, os nativos ficam atônitos e é revelado aos heróis a imagem e o sofrimento de uma pessoa caracterizada à imagem de Jesus Cristo:

A cem pés abaixo do balão, erguia-se um poste. Ao pé desse poste, estava caída uma criatura humana, um homem jovem, de no máximo trinta anos, com longos cabelos pretos, meio nu, magro, ensanguentado, coberto de ferimentos, a cabeça inclinada sobre o peito, como o Cristo na cruz. Alguns cabelos mais curtos no alto do

(1873) gerou constantes referências para a arte do século XX. Até a indústria dos jogos eletrônicos se apropriaria da temática.

⁵³ Essa pilha elétrica de carbono e zinco foi inventada em 1841 pelo químico alemão Robert Wilhelm Bunsen (1811-1899). Não tão novo à época de *Cinco semanas num balão*, tal mecanismo significaria uma revolução na produção da energia elétrica.

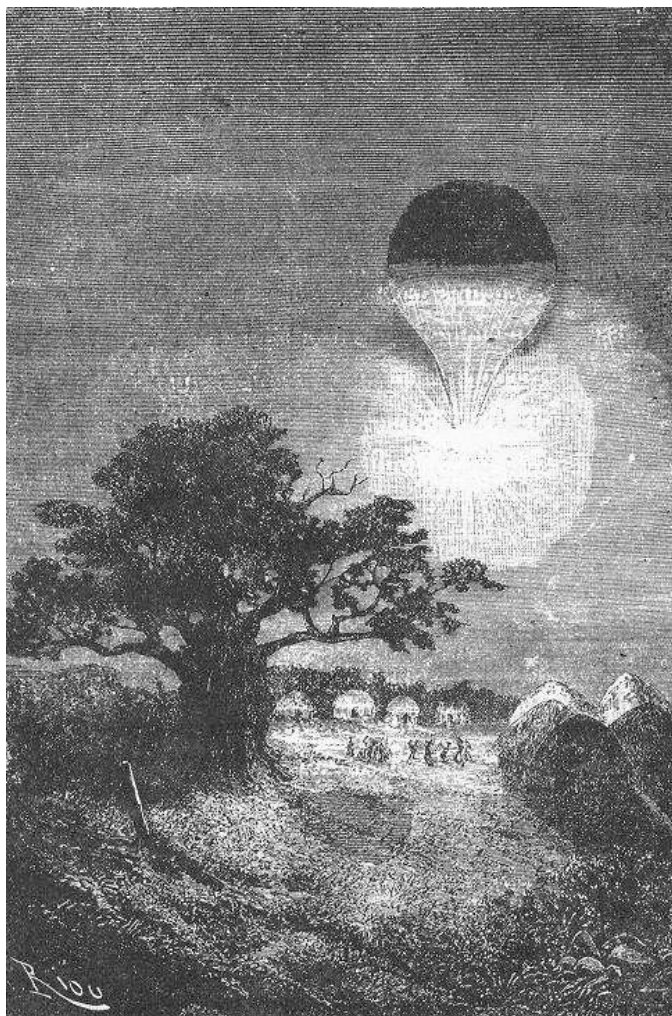
crânio indicavam ainda o lugar de uma coroa de padre meio apagada (VERNE, 1998, p. 148)⁵⁴.

Não há, realmente, nenhuma novidade no suplício infligido ao “Cristo entre os negros”. Existem aqui, as mesmas demonstrações de selvageria – em proporções menores, até – observadas pelos protagonistas em outras paragens do continente. Entretanto, a vítima em questão é um homem que se supõe virtuoso, dotado, em teoria, de valores ideais, que abandonou seu lar natal com o intuito de resgatar almas e indicar caminhos melhores àquelas populações afastadas.

Segundo Hobsbawm (1988b), ao contrário do que se possa imaginar, o trabalho de catequese não foi de forma irrestrita um braço sempre forte da política metropolitana. Mesmo que a propagação da fé cristã dependesse da empresa colonialista para lograr êxito, muitas das vezes, os interesses dos convertidos eram tidos como mais importantes. Ainda que tenha havido missionários subservientes aos interesses dos impérios, esses muitas vezes apareciam como uma espécie de paliativo para os exageros contra os nativos. Esse fato, como seria de se suspeitar, acabaria por gerar frequentes desarmonias com as autoridades coloniais.

⁵⁴ À cent pieds au-dessous du ballon se dressait un poteau Au pied de ce poteau gisait une créature humaine, un jeune homme de trente ans au plus, avec de longs cheveux noirs, à demi nu, maigre, ensanglanté, couvert de blessures, la tête inclinée sur la poitrine, comme le Christ en croix. Quelques cheveux plus ras sur le sommet du crâne indiquaient encore la place d’une tonsure à demi effacée.

Figura 3 – A luz elétrica – Ilustração de Riou e Montaut – Edição original



Fonte: VERNE, Jules. *Cinq semaines en ballon*. Paris: Librairie Générale Française, 2000.

O padre de Verne é, representa explicitamente, a idealização da classe religiosa. Não corrompido ou contaminado por interesses materiais escusos, aceita seu fardo e sua missão catequética com a mais absoluta certeza da importância e da nobreza de sua obra.

Após o seu salvamento, com parte de suas energias recuperadas, mas ainda moribundo e com poucos sinais de melhora, o padre satisfaz a curiosidade dos viajantes, sobre como um homem de sua linhagem, havia ido parar naquele cativoiro:

— Como é que você se sente? – perguntou-lhe Fergusson.

— Melhor, talvez – respondeu ele. – Mas vocês, meus amigos, até agora eu só os vi numa espécie de sonho! Quase não posso lembrar do que aconteceu! Digam-me quem são vocês, para que seus nomes não sejam esquecidos em minha última prece.

— Somos viajantes ingleses – respondeu Samuel –; estamos tentando atravessar a África num balão e, durante nossa passagem, tivermos a felicidade de salvá-lo.

— A ciência tem seus heróis – disse o missionário.

— Mas a religião tem seus mártires – respondeu o escocês.

— Você é um missionário? Perguntou o doutor.

— Sou um padre da missão dos Lazaristas. O Céu os enviou até mim, o Céu seja louvado! O sacrifício da minha vida está feito! Mas vocês vêm da Europa. Falem-me da Europa, da França! Não tenho notícias há cinco anos.

— Cinco anos sozinho, no meio desses selvagens! – exclamou Kennedy.

— São almas a serem resgatadas – disse o jovem padre –, irmãos ignorantes e bárbaros, que só a religião pode instruir e civilizar (VERNE, 1998, p. 152)⁵⁵.

O martírio o qual foi dolorosamente submetido, não abala as convicções do missionário. Constata-se que chegado ao fim sua via-crúcis de meia década, embora seus pensamentos estejam buscando algum conforto nas lembranças de sua Europa, não deixa de se preocupar com o “bem-estar das almas” nativas. Além de que, como um cristão modelo, fica subentendido o perdão a seus carrascos, cruéis por ignorância e por desconhecimento da palavra de Deus, não por natureza.

Além do mais, vê-se que o missionário não se destaca por posição social ou riqueza. Trata-se de alguém de origem simples, mas que nem por isso enxerga o seu serviço como trampolim para ascender na vida. Sua biografia é exemplar e praticamente nos autoriza a evocar os textos hagiográficos católicos, descrições das vidas de homens considerados santos. É o narrador que clarifica essa trajetória:

O missionário era um pobre rapaz da aldeia de Aradon, na Bretanha, em pleno Morbihan; seus primeiros instintos o levaram para a carreira eclesiástica; a essa vida de abnegação ele quis acrescentar a vida de perigos, entrando na ordem dos padres da Missão da qual

⁵⁵ «Comment vous trouvez-vous? lui demanda Fergusson.

— Mieux peut-être, répondit-il. Mais vous, mes amis, je ne vous ai encore vus que dans un rêve! À peine puis-je me rendre compte de ce qui s’est passé! Qui êtes-vous, afin que vos noms ne soient pas oubliés dans ma dernière prière?

— Nous sommes des voyageurs anglais, répondit Samuel ; nous avons tenté de traverser l’Afrique en ballon, et, pendant notre passage, nous avons eu le bonheur de vous sauver.

— La science a ses héros, dit le missionnaire

— Mais la religion a ses martyrs, répondit l’Écossais.

— Vous êtes missionnaire? demanda le docteur.

— Je suis un prêtre de la mission des Lazaristes. Le ciel vous a envoyés vers moi, le ciel en soit loué! Le sacrifice de ma vie était fait ! Mais vous venez d’Europe Parlez-moi de l’Europe, de la France! Je suis sans nouvelles depuis cinq ans?

— Cinq ans, seul, parmi ces sauvages! s’écria Kennedy.

— Ce sont des âmes à racheter, dit le jeune prêtre, des frères ignorants et barbares, que la religion seule peut instruire et civiliser.»

São Vicente de Paulo foi o glorioso fundador; aos vinte anos, trocou seu país pelas praias inóspitas da África. E de lá, pouco a pouco, vencendo os obstáculos, afrontando as privações, andando e rezando, avançou até o seio das tribos que habitam os afluentes do Nilo superior; durante dois anos, sua religião foi repudiada, seus serviços ignorados, sua caridade mal vista; ele caiu prisioneiro de um dos povos mais cruéis da Nyambarra, suportando todos os maus-tratos possíveis. Mas não deixou de ensinar, instruir, rezar. Quando essa tribo se dispersou e deixou-o como morto, depois de um desses combates tão frequentes entre aqueles povos, em vez de voltar sobre seus passos, ele continuou sua peregrinação evangélica. A época mais tranquila que viveu foi durante o período em que foi tido como louco; tinha-se familiarizado com os idiomas da região; ele catequizava. Finalmente, durante mais dois longos anos, percorreu aquelas regiões selvagens, levado por essa força sobre-humana que vem de Deus; havia um ano, morava na tribo dos Nyam-Nyam chamada Brafri, uma das mais selvagens (VERNE, 1998, p. 153-154)⁵⁶.

A vida deste sacerdote é, enfim, marcada por um sentimento profundo de altruísmo. Predestinado – o instinto não é senão meio caminho para a predestinação – a ajudar quem necessita, vaga pela África de cabeça erguida enfrentando condições das mais lastimáveis, mostrando-se resiliente.

Conclui-se, porém, que seu sofrimento não é gratuito. Há algo maior em jogo. Seu encargo é conduzido por uma certeza sincera de que o nativo necessita ser guiado.

Já destacamos que Verne elogia invariavelmente personagens impulsionados por aquela coragem congênita do europeu ou por pura vocação humanitária, os quais cravaram as bandeiras de suas respectivas nações nas paragens mais inacessíveis da cartografia global. Estes personagens de osso e carne, corresponderiam tanto às figuras de renome, os “notáveis” da história, quanto aos aventureiros e missionários que,

⁵⁶Le missionnaire était un pauvre jeune du village d'Aradon, en Bretagne, en plein Morbihan; ses premiers instincts l'entraînèrent vers la carrière ecclésiastique; à cette vie d'abnégation il voulut encore joindre la vie de danger, en entrant dans l'ordre des prêtres de la Mission, dont saint Vincent de Paul fut le glorieux fondateur; à vingt ans, il quittait son pays pour les plages inhospitalières de l'Afrique. Et de là peu à peu, franchissant les obstacles, bravant les privations, marchant et priant, il s'avance jusqu'au sein des tribus qui habitent les affluents du Nil supérieur; pendant deux ans, sa religion fut repoussée, son zèle fut méconnu, ses charités furent malaisés; il demeura prisonnier de l'une des plus cruelles peuplades du Nyambarra, en butte à mille mauvais traitements. Mais toujours il enseignait, il instruisait, il priaît. Cette tribu dispersée et lui laissé pour mort après un de ces combats si fréquents de peuplade à peuplade, au lieu de retourner sur ses pas, il continua son pèlerinage évangélique. Son temps le plus paisible fut celui où on le prit pour un fou il s'était familiarisé avec les idiomes de ces contrées; il catéchisait. Enfin, pendant deux longues années encore, il parcourut ces régions barbares, poussé par cette force surhumaine qui vient de Dieu; depuis un an, il résidait dans cette tribu des Nyam-Nyam, nommée Barafri, l'une des plus sauvages.

apesar de imprescindíveis “no desbravar” do planeta, têm seus nomes obscurecidos nos anais das explorações.

Para além de uma simples caricatura do agente civilizador, o religioso de Verne, o “pobre rapaz da aldeia de Aradon” – que aliás, ter seu nome omitido só faz reforçar a nossa percepção –, é um tributo aos missionários anônimos, que abandonariam seus países com o objetivo de fazer germinar a cultura e a “religião verdadeira” na África. É verdade que *Cinco semanas num balão* exala, aqui e ali, em proporções diversas, o que diz Said (2011, p. 43): o colonialismo e o imperialismo “são sustentados e talvez impelidos por potentes formações ideológicas que incluem a noção de que certos territórios e povos *precisam* e imploram pela dominação”. No entanto, é o padre verniano que corporifica no texto, perfeita e romanticamente, esse princípio. Mais do que isso. Morre por essa ideologia.

Embora talvez ultrapasse o nosso objeto de estudo, não poderíamos deixar de nos reportar ao tratamento que Verne dá à classe dos religiosos quase uma década após. Trata-se do romance *Três russos e três ingleses*. Nessa obra menos conhecida, três cientistas russos e três ingleses, em comum acordo – até descobrirem que suas nações declararam guerra uma à outra –, tem como missão medir um arco de meridiano na África Austral. Embora o texto tenha sido escrito no auge da maturidade literária de Verne e os personagens negros sejam mais bem desenvolvidos, o tom de paternalismo pouco se altera. O excerto que se segue, apesar de breve, especifica com precisão, contra o que o padre de *Cinco semanas num balão* luta:

A escolta do boximane compunha-se de cem homens, todos boximanes, trabalhadores, pouco irritáveis, dóceis e capazes de suportar grandes fadigas físicas. Noutros tempos, antes da chegada dos missionários, esses boximanes, embusteiros e pouco hospitaleiros, nada faziam senão assassinar e pilhar, aproveitando-se geralmente do sono de seus inimigos para realizar a matança. Os missionários modificaram em parte tais costumes bárbaros. Contudo esses indígenas são ainda ladrões de granja e de gado (VERNE, 2005, p. 45)⁵⁷.

⁵⁷ L'escorte, commandée par le bushman, se composait de cent hommes. Ces indigènes étaient tous Bochjesmen, gens laborieux, peu irritables, peu querelleurs, capables de supporter de grandes fatigues physiques. Autrefois, avant l'arrivée des missionnaires, ces Bochjesmen, menteurs et inhospitaliers, ne recherchaient que le meurtre et le pillage, et profitaient habituellement du sommeil de leurs ennemis pour les massacrer. Les missionnaires ont en partie modifié ces mœurs barbares ; mais cependant ces indigènes sont toujours plus ou moins pilleurs de fermes et enleveurs de bestiaux.

Na opinião de Said (2011) há uma convergência entre o dilatado tamanho dos impérios ocidentais com as falas culturais que pendem à universalização. Essa convergência é possibilitada, segundo o teórico, pelo poder. É este que possibilita certa onisciência e onipresença nas regiões distantes. É o poder que fornece a capacidade “de estudar outros povos, de codificar e divulgar o conhecimento, de caracterizar, transportar, instalar e apresentar exemplos de outras culturas (por meio de exposições, expedições, pinturas, levantamentos, escolas), e sobretudo, de governá-los” (SAID, 2011, p. 184). É a reboque disto, que o discurso da missão civilizatória – o qual os missionários vernianos são hospedeiros modelos – se embasa. O poder acumulado acaba, inevitavelmente, por gerar um compromisso filantrópico para com o lado mais vulnerável.

Seja como for, quaisquer expressões de cunho etnocêntrico que se vestem com roupagens paternalistas, podem sempre vir acompanhadas com esboços relativistas. Para Said (2011), se a ideia da missão colonialista despertou a atenção de detratores, estes, não encontraram apoio suficiente nas estâncias do pensamento cultural. É evidente que no meio de um turbilhão de vozes consonantes, uma ou outra mente pensante destoava como voz de oposição. Porém, as campanhas individuais e os movimentos questionadores eram, de fato, menos influentes e articulados. Todavia, o certo é que as relações entre Leste e Oeste eram compreendidas no ocidente, quase que de forma unânime, como uma relação desigual entre uma sociedade forte e uma sociedade fraca. Mas, de muitas maneiras, a relação de força poderia ser disfarçada, maquiada (SAID, 2007). Verne é, certamente, campeão nessas evasivas.

Dick, desde o início não esconde ser contrário à expedição – equilibrando a balança, Joe, por seu turno é a fé cega no seu êxito –, pois a julga insensata, temerária e suicida. Aqui estão alguns de seus pretextos – sempre sem efeito algum – para tentar frustrá-la:

Um dia, depois de ter reconhecido que, com uma sorte extraordinária, eles poderiam ter uma chance em mil de conseguir, fingiu render-se aos desejos do doutor; mas, para recuar a data da viagem, começou uma série de escapatórias, as mais variadas. Arranjou como desculpa questionar a utilidade da expedição e sua oportunidade... Esta descoberta das nascentes do Nilo era realmente necessária?... Estariam eles trabalhando realmente para a felicidade da humanidade?... Afinal de contas, quando os povos da África fossem civilizados, seriam eles mais felizes?... Podia-se ter certeza,

aliás, de que a civilização não estivesse lá, em vez de na Europa? – Talvez.

— E, para começar, não poderíamos esperar um pouco mais?... A travessia da África seria certamente realizada um dia, e de um modo menos arriscado... Dentro de um mês, seis meses, menos de um ano, algum explorador chegaria lá, sem dúvida... (VERNE, 1998, p. 33-34)⁵⁸.

O conteúdo de sua argumentação, apesar de um tanto incipiente, mostra a sensibilidade do autor acerca do processo exploratório em curso e seus eventuais desfechos. No entanto, sobressai das incertezas do caçador uma tímida problematização da missão do branco. Embora a preocupação com a felicidade nativa não seja aprofundada e seja aludida apenas como mais um dentre outros tantos recursos de retórica que Dick faz uso para que o doutor aborte o seu projeto, a questão está anunciada. Se não há como afirmar ou negar se o romancista crê, incondicionalmente, no discurso civilizador, podemos ao menos afirmar que sua vinculação não é de toda irrefletida. Na verdade, falas iguais a de Dick, são em certo sentido, um contrapeso, que indicam que Verne flutua entre a certeza e a desconfiança da generosidade da máquina civilizatória.

Mas, seja qual for o grau de desprendimento com a ideologia colonialista, isso não significa, em hipótese alguma, equiparar as civilizações.

Hobsbawm (1988b) nos oferece informações valiosas que nos possibilitam pensar esses *insights* relativistas. Para o historiador, mesmo quando a ideologia pressupunha certa igualdade, esta logo se transformava em ato de dominação. O autor demonstra que, no caso do Império Francês, por exemplo, acreditava-se que os súditos, podiam tornar-se a longo prazo, franceses, visto serem os colonos, em teoria, também “descendentes dos gauleses”, tronco étnico no qual o povo francês confina a sua origem. Seja na França ou nas colônias do Caribe ou da África, os livros didáticos em uso no Império Francês preconizavam essa ideia, há muito insustentável. Por outro lado, para os britânicos não havia meio termo. O não-inglês estaria perpetuamente

⁵⁸ Un jour, après avoir reconnu qu’avec un bonheur insolent, on pouvait avoir une chance sur mille de réussir, il feignit de se rendre aux désirs du docteur; mais, pour reculer le voyage, il entama la série des échappatoires les plus variées. Il se rejeta sur l’utilité de l’expédition et sur son opportunité... Cette découverte des sources du Nil était-elle vraiment nécessaire?... Aurait-on réellement travaillé pour le bonheur de l’humanité?... Quand, au bout du compte, les peuplades de l’Afrique seraient civilisées, en seraient-elles plus heureuses?... Était-on certain, d’ailleurs, que la civilisation ne fût pas plutôt là qu’en Europe - Peut-être. – Et d’abord ne pouvait-on attendre encore?... La traversée de l’Afrique serait certainement faite un jour, et d’une façon moins hasardeuse... Dans un mois, dans dix mois, avant un an, quelque explorateur arriverait sans doute...

preso à sua etnia original. A questão é que, mesmo na situação francesa, em que há uma retórica mais branda, e talvez mais ecumênica, a existência de um horizonte a ser alcançado revela um raciocínio evolucionista.

Fato análogo ocorre em *Cinco semanas num balão*. Toda tentativa isolada de se problematizar a “grande missão ocidental” compete com outras dezenas de falas que demonstram e comprovam a sua necessidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos tempos correntes, a história da África e sua literatura vêm sendo constantemente rediscutidas no sentido de desconstruir o estigma negativo que os europeus impuseram à mesma e perpetuaram ao longo dos últimos séculos. Refletir sobre a literatura do colonizador, fugindo às constantes armadilhas do anacronismo é, certamente, um aporte interessante contra ideias preconcebidas.

Discussões como a nossa, almejam, sobretudo, fomentar o debate sobre a historicidade das concepções racistas, ajudando-nos assim, no exercício de relativização do nosso próprio posicionamento diante do mundo, e diante dos escritos literários nascidos das penas de autores ocidentais, mas que possuem como tema, as áreas tachadas de periféricas.

Nestas últimas linhas, é mister dizer que, a despeito das reflexões de caráter negativo aqui levantadas, em circunstância alguma visamos diminuir a envergadura da obra verniana. Evidentemente, *As Viagens Extraordinárias* não se resume a um só público, de entretenimento, mas se abre a uma revisitação perene. Verne não poderia supor o quanto estaria nos holofotes tantos anos depois.

No que diz respeito à ideologia racista inerente à *Cinco semanas num balão*, segundo Salabert (1974), esta constitui mais uma contradição à qual muitos outros intelectuais oitocentistas estavam também sujeitos. Verne, ao longo de sua trajetória se mostrará, por outro lado, um antiescravista convicto e defensor das populações humilhadas. Qual o fã brasileiro que durante sua leitura de *Vinte mil léguas submarinas*, enquanto acompanhava o percurso do Nautilus, não se desapontou, quando este maravilhoso submarino, segue com um certo desprezo mesmo, veloz em seu trajeto, e indiferente quanto àquele litoral que vislumbrava, nada menos do que as terras imponentes, mas escravagistas, do Brasil Império?

Deixando para elucubrações futuras maiores divagações o certo é que, como integrante de uma engrenagem produtora de conhecimentos sobre o Levante e as regiões mais austrais, o seu romance deve ser considerado e, conforme diria Benjamin (1984) também um documento de barbárie.

Feitos estes preâmbulos devemos dizer que, ao longo de nossos três capítulos, percorremos caminhos diversos que nos levaram a conhecer melhor o olhar de Verne sobre o continente negro. Em nosso percurso em que história, antropologia, geografia

e demais áreas se entrecruzam, constatamos que longe de ser, apenas um objeto fruto do gosto pelo exotismo e fruição superficial, a África verniana se configura, aludindo a Said, como mais um caso de orientalismo, (2007), e sugere um olhar crítico.

Assim, num primeiro momento cuidamos de levantar juízos oitocentistas, atrelando-os à obra posteriormente. Demostramos que, a noção de superioridade dita as regras do desenho do continente, lugar do exótico, mas antes de mais nada, de perigo.

No que tange ao campo religioso, o preconceito se faz ainda mais presente. Para Verne o continente é escuro, mas, principalmente, por falta de conhecimento. Assim se alinham, negros, árabes, e quaisquer outro elemento fora do horizonte europeu, e, igualmente, se fora do alcance de sua ciência, também de sua fé.

Finalmente, em nosso balanço, as representações da África Subsaariana em *Cinco semanas num balão* lembraram ao europeu da universalidade e da superioridade de sua cultura, serviram, em certo sentido, para balizar e expor quem é quem no teatro do mundo, e forneceram aos leitores perfeitos autorretratos de si mesmos.

Conclui-se de tudo isso, que ao discorrer num plano ficcional sobre a periferia que ele mesmo ajuda a delinear, Verne projeta antes de mais nada o contexto sócio histórico no qual está inserido, seu mundo, seus valores. E, por que não dizer, suas limitações?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda. *O Perigo da História Única*. TedGlobal, 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EC-bh1YARsc>>. Acessado em 16 de agosto de 2017.

BARROS, J.D. Os falanstérios e a crítica da sociedade industrial: revisitando Charles Fourier. In: *Mediações*. Londrina, 2011, v.16, p.239-255.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BENÍTEZ, Juan José. *Eu, Júlio Verne*. São Paulo: Mercuryo, 1990.

BENJAMIN, Walter. *Documentos de Cultura e Barbárie* (Escritos Escolhidos). São Paulo: Cultrix, 1986.

BIRARDI, Angela; CASTELANI, Gláucia Rodrigues; BELATTO, Luiz Fernando B. O Positivismo, Os Annales e a Nova História (s.d). *Revista Klepsidra*. Disponível em: <<http://www.klepsidra.net/klepsidra7/annales.html>>. Acessado em 15 de setembro de 2017.

BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3ª ed. Maringá: Eduem, 2009, p. 257-286.

BRUIT, Hector. *O Imperialismo*. Campinas: Atual, 1986.

BRUNSCHWIG, Henri. *A Partilha da África Negra*. Perspectiva, São Paulo, 1993.

BUTOR, Michel. Leituras da infância. In: BELLOUR, Raymond; BROCHIER, Jean-Jacques. *Júlio Verne: uma literatura revolucionária*. São Paulo: Documentos, 1969.

CARVALHO, Bruno Sciberras. Representação e Imperialismo em Edward Said. In: *Mediações*, Londrina, 2010, v. 15, n.2, p. 42-60.

CARVALHO, Eliane Knorr de. “Canibalismo e antropofagia: do consumo à sociabilidade”. Trabalho integrante do *Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão*. ANPUHSP-USP, 2008.

CONRAD, Joseph. *O coração das trevas*. Porto Alegre: L&PM, 1998.

COMTE, Auguste. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

CURTIN, Philip D. Tendências recentes das pesquisas histórias africanas e contribuição à história em geral. In: KI-ZERBO, Joseph (ed.). *História geral da África: metodologia e pré-história da África*. 2. Ed. Brasília: Unesco, 2010, p. 37-58.

FACCIOLI, Luiz Paulo. Júlio Verne. In: MASINA, Lea (org.). *Guia de leitura: 100 autores que você precisa ler*. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2012.

FERREIRA, Antônio Celso. A Fonte Fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.); DE LUCA, Tania Regina (org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

GOODY, Jack. *O roubo da história: Como os europeus se apropriaram das ideias e invenções do oriente*. São Paulo: Contexto, 2008.

HAGGARD, H. Rider. *As Minas do Rei Salomão*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

HOBBSAWM, Eric. *A era do capital: (1848-1875)*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988a.

_____. *A Era dos Impérios:(1875-1914)*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988b.

ISKANDAR, J. I.; LEAL, M. R. Sobre o Positivismo e Educação. *Diálogo Educacional* (PUCPR), Curitiba, 2003. v. 3, n.7, p. 89-94.

LACASSIN, Francis. Os naufragos da terra: os primórdios da ficção-científica. In: BELLOUR, Raymond; BROCHIER, Jean-Jacques. *Júlio Verne: uma literatura revolucionária*. São Paulo: Documentos, 1969.

LANGER, Johnni. Civilizações Perdidas no Continente Negro: o imaginário arqueológico sobre a África. *Mneme: Revista de Humanidades*, 2005. vol. 7, n.14.

LAROUSSE, Pierre. *Grand dictionnaire universel du XIX siècle*. Paris: 1866.

LEOPOLDI, José Sávio. Rousseau: estado de natureza, o “bom selvagem” e as sociedades indígenas. *Revista ALCEU*, Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2002. v. 2, n. 4, p. 158-172. Disponível em: <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu_n4_Leopoldi.pdf> Acesso em: 13 fev. 2018.

MACEDO, José Rivair. Antigas civilizações africanas: historiografia e evidências documentais. In: _____ (org.). *Desvendando a história da África*. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

MAINKA, P.J. Os fundamentos da identidade europeia na antiguidade, na idade média e nos tempos modernos. *Acta Scientiarum*. Education (Print), 2011. v. 33, p. 57-69.

MATA, I. Estudos pós-coloniais: desconstruindo genealogias eurocêntricas. *Civitas*, 2014, v. 14, n. 1, p. 27-42.

MEMMI, Albert. *Retrato do Colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MIRANDA, Ana. A arte de fingir que se mente. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*, número 76. Rio de Janeiro, Janeiro de 2012. Disponível em:<<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/entrevista/a-arte-de-fingir-que-se-mente>>. Acessado em 15 de setembro de 2017.

MOKEFI, Moktar; AGEORGES, Véronique. *Os árabes na época de seu esplendor*. São Paulo: Augustus, 1997.

MORÉ, Marcel. Um revolucionário subterrâneo. In: BELLOUR, Raymond; BROCHIER, Jean-Jacques. *Júlio Verne: uma literatura revolucionária*. São Paulo: Documentos, 1969.

SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

_____. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

SALABERT, Miguel. *Julio Verne: Ese desconocido*. Editor Trifidus, 1974.

SANTOS, Edmar Guirra. *A trajetória de Jules Verne; a arte, o escritor e seu editor*. 2016. 233 f. Tese (Doutorado em Letras Neolatinas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

_____. Pesquisa em fontes primárias: a obra romanesca de Jules Verne, entre literatura e projeto editorial. *Non Plus*, 2014. v. 1, p. 126-135.

_____. *Retratos literários: o discurso científico na obra de Jules Verne*. 2010. 232 f. Dissertação (Mestrado em Letras Neolatinas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

SERRES, Michel. *Júlio Verne: a ciência e o homem contemporâneo: diálogos com Jean-Paul Dekiss*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

SODRÉ, Muniz. *A Narração do Fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

SORIANO, Marc. Adaptar Júlio Verne. In: BELLOUR, Raymond; BROCHIER, Jean-Jacques. *Júlio Verne: uma literatura revolucionária*. São Paulo: Documentos, 1969.

SOUZA, Marina de Mello e. História da África: um continente de possibilidades. In: GONTIGO; Rebeca; MAGALHÃES Marcelo; ROCHA, Helenice (orgs.). *A escrita da história escolar: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV. 2009, p. 165-180.

TODOROV, Tzvetan. A viagem e seu relato. *Revista de Letras*, São Paulo, 2006. Seção artigos. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/letras>>. Acessado em: 15 setembro de 2016.

VERNE, Júlio. *A aldeia aérea*. Tradução de Otávio de Vasconcelos. Rio de Janeiro: Matos Peixoto, 1966.

_____. *Aventures de trois Russes et de trois Anglais dans l'Afrique australe*. Paris: Colecction Hetzel.

_____. *Cinco semanas num balão*. Tradução de G. Dupin e J. M. Cançado. São Paulo: Ática, 1998.

_____. *Cinq semaines en ballon*. Paris: Librairie Générale Française, 2000.

_____. *Le village aérien*. Paris: Colecction Hetzel, 1901.

_____. *Três russos e três ingleses*. Tradução de Zélio dos Santos Jota. Hemus, 2005.

_____. *Vinte mil léguas submarinas*. Tradução de Júlia da Rosa Simões. São Paulo: Penguin, 2014.

VERSINS, Pierre. A sensação do artificial. In: BELLOUR, Raymond; BROCHIER, Jean-Jacques. *Júlio Verne: uma literatura revolucionária*. São Paulo: Documentos, 1969.

WALTER, Carolina Palma. *O socialismo utópico e a crítica à razão utilitária*. 2011. 70 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Ciências Econômicas). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2011.

WELLEK, René; WARREN, Austin. *Teoria da Literatura*. Lisboa: Europa-América, 1999.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

<<http://www.africadosul.org.br/historia#diamante>>. Acessado em 10 de setembro de 2017.

<<https://greenwichmeantime.com/info/conference.htm>>. Acessado em 10 de setembro de 2017.

<<http://historiadomundo.uol.com.br/francesa/civilizacao-francesa.htm>>. Acessado em 10 de setembro de 2017.

<<http://www.diarioonline.com.br/tedoide/curiosidades/noticia-434107-a-historia-dos-soldados-das-cruzadas-que-acabaram-se-tornando-canibais.html>>. Acessado em 13 de fevereiro de 2018.

<<http://cienciaehumanidade.blogspot.com.br/2010/04/bunsen-e-iluminacao-eletrica.Html>>. Acessado em 19 de fevereiro de 2018.